
ENSINO MÉDIO

– 2º ANO –

LÍNGUA

PORTUGUESA:

LITERATURA

VOLUME 1

Apostila do 2º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



LITERATURA – VOLUME 1



AULA 02

A REGRA DE SÃO BENTO

A Regra, na íntegra, pode ser encontrada em edições impressas ou *online* (*gratuitamente*). Deverá ser feita a leitura e, na sequência, a verificação.

PRÓLOGO DA REGRA



Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência. A ti, pois, se dirige agora a minha palavra, quem quer que sejas que, renunciando às próprias vontades, empunhas as gloriosas e poderosíssimas armas da obediência para militar sob o Cristo Senhor, verdadeiro Rei.

Antes de tudo, quando encetares algo de bom, pede-lhe com oração muito insistente que seja por ele plenamente realizado, a fim de que nunca venha a entristecer-se, por causa das nossas más ações, aquele que já se dignou contar-nos no número de seus filhos; assim, pois, devemos obedecer-lhe em todo tempo, usando de seus dons a nós concedidos para que não só não venha jamais, como pai irado, a deserdar seus filhos, nem tenha também, qual Senhor temível, irritado com nossas más ações, de entregar-nos à pena eterna como péssimos servos que o não quiseram seguir para a glória.

Levantemo-nos então finalmente, pois a Escritura nos desperta dizendo: “Já é hora de nos levantarmos do sono”. E, com os olhos abertos para a luz deífica, ouçamos, ouvidos atentos, o que nos adverte a voz divina que clama todos os dias: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não permitais que se endureçam vossos corações”, e de novo: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às igrejas”. E que diz? – “Vinde, meus filhos, ouvi-me, eu vos ensinarei o temor do Senhor. Correi enquanto tiverdes a luz da vida, para que as trevas da morte não vos envolvam”.

E procurando o Senhor o seu operário na multidão do povo, ao qual clama estas coisas, diz ainda: “Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?” Se, ouvindo, responderes: “Eu”, dir-te-á Deus:

“Se queres possuir a verdadeira e perpétua vida, guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram a falsidade, afasta-te do mal e faz o bem, procura a paz e segue-a”.

E quando tiveres feito isso, estarão meus olhos sobre ti e meus ouvidos junto às tuas preces, e antes que me invoques dir-te-ei: “Eis-me aqui”. Que há de mais doce para nós, caríssimos irmãos, do que esta voz do Senhor a convidar-nos? Eis que pela sua piedade nos mostra o Senhor o caminho da vida.

Cingidos, pois, os rins com a fé e a observância das boas ações, guiados pelo Evangelho, trilhemos os seus caminhos para que mereçamos ver aquele que nos chamou para o seu reino. Se queremos habitar na tenda real do acampamento desse reino, é preciso correr pelo caminho das boas obras, de outra forma nunca se há de chegar lá. Mas, com o profeta, interroguemos o Senhor, dizendo-lhe: “Senhor, quem habitará na vossa tenda e descansará na vossa montanha santa?”. Depois dessa pergunta, irmãos, ouçamos o Senhor que responde e nos mostra o caminho dessa mesma tenda, dizendo: “É aquele que caminha sem mancha e realiza a justiça; aquele que fala a verdade no seu coração, que não traz o dolo em sua língua, que não faz o mal ao próximo e não dá acolhida à injúria contra o seu próximo”. É aquele que quando o maligno tenta persuadi-lo de alguma coisa, repelindo-o das vistas do seu coração, a ele e suas sugestões, redu-lo a nada, agarra os seus pensamentos ainda ao nascer e quebra-os de encontro ao Cristo. São aqueles que, temendo o Senhor, não se tornam orgulhosos por causa de sua boa observância, mas, julgando que mesmo as coisas boas que têm em si não as puderam por si, mas foram feitas pelo Senhor, glorificam Aquele que neles opera, dizendo com o profeta: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome dai glória”. Como, aliás, o Apóstolo Paulo não atribuía a si próprio coisa alguma de sua pregação, quando dizia: “Pela graça de Deus sou o que sou” e ainda: “Quem se glorifica, que se glorifique no Senhor”.

Eis porque no Evangelho diz o Senhor:

“Àquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, compará-lo-ei ao homem sábio que edificou sua casa sobre a pedra, cresceram os rios, sopraram os ventos e investiram contra a casa; e ela não ruiu porque estava fundada sobre pedra”.

Em conclusão espera o Senhor todos os dias que nos empenhemos em responder com atos às suas santas exortações. Por essa razão, os dias desta vida nos são prolongados como tréguas para a emenda dos nossos vícios, conforme diz o Apóstolo: “Então ignoras que a paciência de Deus te conduz à penitência?”. Pois diz o bom Senhor: “Não quero a morte do pecador, mas sim que se converta e viva”.

Como, pois, irmãos, interrogássemos o Senhor a respeito de quem mora em sua tenda, ouvimos em resposta, qual a condição para lá habitar: a nós compete cumprir com a obrigação do morador!

Portanto, é preciso preparar nossos corações e nossos corpos para militar na santa obediência dos preceitos; e em tudo aquilo que nossa natureza tiver menores possibilidades, roguemos ao Senhor que ordene a sua graça que nos preste auxílio. E, se, fugindo das penas

do Inferno, queremos chegar à vida eterna, enquanto é tempo, e ainda estamos neste corpo e é possível realizar todas essas coisas no decorrer desta vida de luz, cumpre correr e agir, agora, de forma que nos aproveite para sempre.

Devemos, pois, constituir uma escola de serviço do Senhor. Nesta instituição esperamos nada estabelecer de áspero ou de pesado. Mas se aparecer alguma coisa um pouco mais rigorosa, ditada por motivo de equidade, para emenda dos vícios ou conservação da caridade, não fuja logo, tomado de pavor, do caminho da salvação, que nunca se abre senão por estreito início. Mas, com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos Mandamentos de Deus. De modo que não nos separando jamais do seu magistério e perseverando no mosteiro, sob a sua doutrina, até a morte, participemos, pela paciência, dos sofrimentos do Cristo a fim de também merecermos ser coerdeiros de seu reino. Amém.”

RESPONDA POR ESCRITO EM SEU CADERNO

1. A fim de que seu vocabulário seja ampliado e enriquecido, encontre em um dicionário físico os significados das seguintes palavras presentes no Prólogo da Regra de São Bento:

Desídia

Encetares

Deífica

Após conhecer e escrever, em seu caderno, os sentidos das palavras, crie frases utilizando os mesmos termos e memorize-os.

2. Copie as três sentenças destacadas no Prólogo e memorize-as. Aproveite também para meditar a partir de seus ensinamentos.

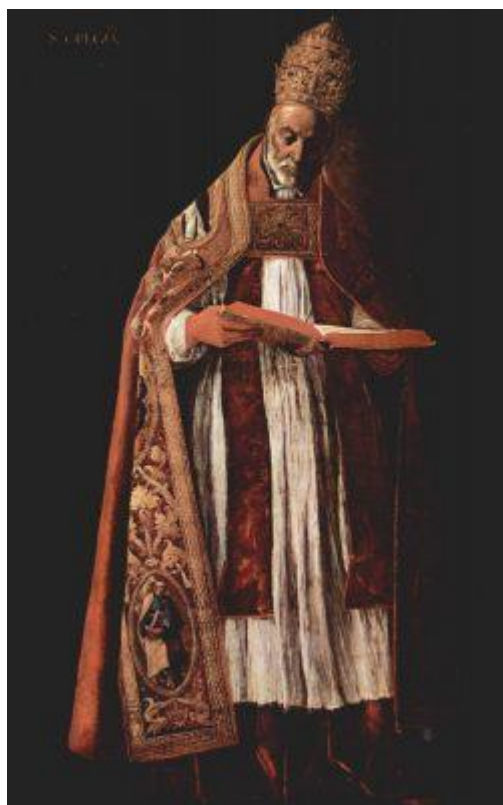


AULA 06

OBRAS DE SÃO GREGÓRIO MAGNO

Em seu caderno, elabore um resumo que contenha os títulos das obras apresentadas e um resumo dos principais pontos escritos por Gregório.

HOMILIA SOBRE O EVANGELHO, N. 25



«Mulher, porque choras?»

Homilia 25



Maria torna-se testemunha da compaixão de Deus; sim... aquela Maria a quem um fariseu queria quebrar o arroubo de ternura. "Se este homem fosse profeta, exclamava ele, saberia quem é esta mulher que o toca e o que ela é: uma pecadora" (Lc 7, 39). Mas as suas lágrimas apagaram-lhe as manchas do corpo e do coração; ela precipitou-se a seguir os passos do seu Salvador, afastando-se dos caminhos do mal. Estava sentada aos pés de Jesus e escutava-o (Lc 10, 39). Vivo, apertava-o nos seus braços; morto, procurava-o. E encontrou vivo aquele que

Língua Portuguesa – Literatura Católica – Volume 2 | 53

procurava morto. Encontrou nele tanta graça que acabou por ser ela a levar a boa nova aos apóstolos, aos mensageiros de Deus!

Que devemos ver aqui, meus irmãos, senão a infinita ternura do nosso Criador, que, para dar novo ânimo à nossa consciência, nos dá constantemente exemplos de pecadores arrependidos. Lanço os meus olhos sobre Pedro, olho para o ladrão, examino Zaqueu, considero Maria e só vejo neles apelos à esperança e ao arrependimento. Foi a vossa fé tocada pela dúvida? Pensem em Pedro que chora amargamente a sua covardia. Estais ardendo em cólera contra o vosso próximo? Pensai no ladrão: em plena agonia, arrepende-se e ganha as recompensas eternas. A avareza seca-vos o coração? Prejudicastes alguém? Vede Zaqueu que devolve quatro vezes mais aquilo que tinha roubado a um homem. Por causa de uma paixão, perdestes a pureza da carne? Olhai para Maria que purifica o amor da carne com o fogo do amor divino.

Sim, Deus todo-poderoso oferece-nos constantemente exemplos e sinais da sua compaixão. Enchamo-nos, pois, de horror pelos nossos pecados, mesmo pelos mais antigos. Deus todo-poderoso esquece com facilidade que nós cometemos o mal e está pronto a olhar para o nosso arrependimento como se fosse a própria inocência. Nós que, depois das águas da salvação, nos tínhamos de novo manchado, renasçamos das nossas lágrimas... O nosso Redentor consolará as vossas lágrimas com a sua alegria eterna.

(Disponível em
http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_gregorio_magno_antologia.html, acesso em dezembro de 2023)

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Após ler esta homilia, responda: sobre qual ensinamento São Gregório nos exorta? O bom ladrão, Zaqueu, Maria Madalena: o que todos nos ensinam com respeito a nossa jornada terrena?

2. Quais recursos este tipo textual (homilia) faz uso para manter a atenção e ensinar os ouvintes? Que outra característica você consegue perceber sobre este tipo de texto oral?

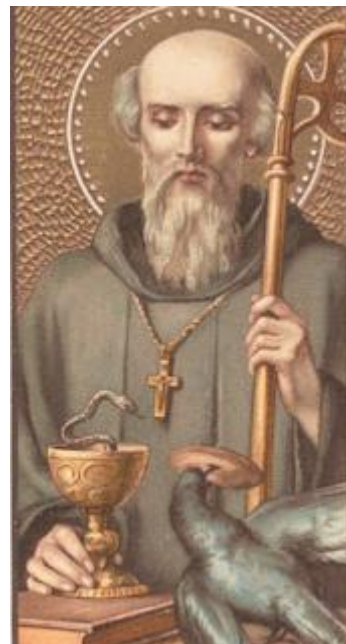
LIVRO SEGUNDO DA OBRA “DIÁLOGOS”, DE SÃO GREGÓRIO MAGNO, CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO VIII. O PÃO ENVENENADO QUE O CORVO LEVOU PARA LONGE

Gregório: “Já aqueles lugares estavam em grande extensão abrasados do amor de Jesus Cristo, Deus Nosso Senhor, e muitos cristãos tinham abandonado a vida secular para ali domar o orgulho do coração sob o suave jugo do Redentor.

Como é costume dos maus invejar aos outros o bem da virtude que eles mesmos não procuram praticar, eis que o padre de uma igreja próxima, chamado Florêncio (avô do nosso subdiácono Florêncio), tocado da maldade do antigo inimigo, começou a ter **ciúme** do santo homem, e pôs-se a denegrir sua vida de monge e a impedir quantos podia, de irem visitá-lo.

Vendo, afinal, que não conseguia opor-se aos progressos de Bento, vendo que crescia a fama de sua santidade, e que muitos, pelo simples pregão dessa fama, eram continuamente chamados a um estado de vida melhor, Florêncio, mais e mais abrasado pela **inveja**, ia-se tornando cada vez pior: os louvores merecidos pela vida de Bento, ele os apetecia; vida tão louvável, porém, não a queria levar. A tal ponto foi obcecado pelas trevas da inveja, que chegou a enviar de presente ao servo de Deus todo-poderoso um pão envenenado.



O homem de Deus o recebeu agradecido, mas não lhe ficou oculta a peste que no pão se ocultava. Ora, acontecia que à hora da refeição, costumava vir da floresta próxima um corvo, que recebia pão das mãos de Bento. Quando então chegou como de costume, o homem de Deus lançou diante do corvo o pão envenenado do presbítero, e deu-lhe esta ordem:

“Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, toma este pão e atira-o num lugar tal que não possa ser achado por ninguém”.

O corvo, então, de bico e asas abertos, começou a esvoaçar e a crocitar em redor do pão como se dissesse claramente que queria obedecer, mas não podia. No entanto, o homem de Deus ordenava repetidas vezes:

“Leva, leva sem medo, e vai jogá-lo onde não possa ser encontrado”.

Finalmente, depois de hesitar por muito tempo, o corvo tomou o pão no bico e, levando-o, partiu. Ao cabo de três horas voltou sem o pão, que lançara fora, e recebeu das mãos do homem de Deus a ração costumeira.

Vendo o venerável Pai que o coração daquele sacerdote se inflamava de **ódio** contra sua vida, mais se condoía dele que de si mesmo. Ora, o citado Florêncio, já que não lograra matar o corpo do mestre, tomou a peito acabar com as almas dos discípulos. (...)

Vendo isto da cela, e temendo a queda dos discípulos mais jovens, o santo homem, que bem se dava conta de ser o único motivo da perseguição, acabou por ceder à inveja: nomeou os superiores, e distribuiu os irmãos pelos mosteiros que edificara; e, levando consigo alguns poucos monges, mudou de domicílio. (...) Pois, estando no terraço, donde com prazer contemplava a partida de Bento, o mesmo ruiu, enquanto permanecia ileso o resto da casa, e, esmagando o inimigo de Bento, acabou com ele. O discípulo do homem de Deus chamado Mauro julgou que devia imediatamente anunciar o fato ao venerável Pai Bento, que apenas caminhara umas dez milhas, e disse-lhe:

“Volta, pois o presbítero que te perseguia, morreu.”

Ao ouvi-lo, prorrompeu Bento em fortes lamentos, tanto pela morte do inimigo como pela alegria que com ela teve o discípulo.

Do fato seguiu-se que Bento impôs uma penitência ao discípulo, pois este, ao contar o ocorrido, ousara regozijar-se pelo fim do inimigo.”

Pedro: “São admiráveis e estupendas as coisas que dizes. Com efeito, na água que brotou da pedra, vejo Moisés (Num 20, 11) ; no ferro que voltou do fundo d’água, Eliseu (4 Reis 6, 7) ; no caminhar sobre as águas, Pedro (Mt 14, 29) ; na obediência do corvo, Elias (3 Reis 17, 6) ; no luto pela morte do inimigo, Davi (2 Reis 1, 11; 18, 13). Como posso avaliar, este varão foi cheio do espírito de todos os justos.”

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Copie o título do livro em seu caderno.
2. Este livro denomina-se “Diálogos” e, como é possível perceber no excerto, é construído por meio dos diálogos. Com quem Gregório dialoga neste excerto? Como é possível perceber?
3. Diante dos assaltos de ciúme, inveja e maldade do seu inimigo, qual é a atitude de Bento?
4. Como Bento trata seu filho espiritual que se alegra com a morte do inimigo? Também nós agimos com esta virtude e humildade?
5. Resuma o que este capítulo do livro conta sobre a vida do grande abade São Bento.

NÃO SE ESQUEÇA

Resumir um livro significa “contar a história de modo breve, fazendo com que aquele que lê ou escuta o nosso resumo compreenda quem escreveu a história, o que é narrado de modo breve, sem se deter nos detalhes”.



AULA 06

OBRAS SELETAS DO PERÍODO BARROCO

Objetivo: apresentar o *Sermão da Sexagésima* de Pe. Antônio Vieira através de recortes selecionados para fins de estudar as ideias principais e o escrito em si.

Indicação de Leitura: O *Sermão da Sexagenária* será desenvolvido em trechos seletos nesta aula. Porém, é indispensável a leitura na íntegra por parte do aluno, visto a instrução essencial que o sermão transmite àqueles que professam a Jesus Cristo e a sua Santa Igreja Católica.

SERMÃO DA SEXAGÉSIMA (1655)

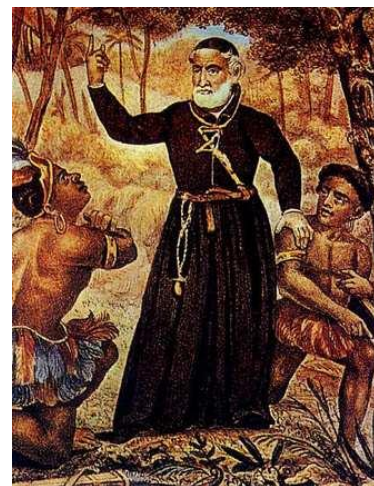
MOMENTO I



scrito em 1655, o *Sermão da Sexagésima* inicia com um breve resumo. O objetivo maior do Sermão é realizar o discernimento se as dificuldades encontradas na conversão através do Sermão são causadas pela:

- 1) palavra de Deus;
- 2) o ouvinte e/ou
- 3) o pregador.

Sendo assim, com seu estilo retórico e pedagógico, Pe. Antônio Vieira introduz as questões gradativamente, as sustenta e as abandona conforme tão maior é a sua insuficiência em sanar a questão. Afinal, em quem reside a culpa?



Saiu o pregador evangélico para semear a palavra divina. Sua ação constante é chamada de “obra”; sua construção são as conversões dos pecadores. Disso, segundo Padre Antônio Vieira e a doutrina católica, deve o pregador prestar contas a Deus no seu juízo particular.

Sendo assim, é incontestável que o assunto do sermão é seríssimo. Para quem resguarda, ainda, a dúvida, basta compreender que o “pregador” de Antônio Vieira não é só o sacerdote; mas todo católico que, a convite e mando de Nosso Senhor Jesus Cristo, deve cumprir o dever de evangelizar com sua vida, isto é, com suas obras, constância e coerência.

Todo pregador que saiu a semear planta alguma coisa e esta coisa germina. Todavia, supondo o campo tomado por espinhos, pedras e tantas outras coisas que podem ser entendidas aqui como “circunstâncias dificultosas”, deve o pregador, pois, desanimar? Deve desesperar? Deve desistir? Não, segundo o jesuíta, ainda que parte seja pisoteada, destruída ou afogada pelos pecadores.

Através do Santo Evangelho, somos instruídos a pregar a todas as criaturas. Vieira faz uma distinção pedagógica a respeito dos gêneros das criaturas. São elas:

As racionais: os Homens.

As sensitivas: os Animais.

As vegetativas: as Plantas.

As insensíveis: as Pedras.

Trata-se de uma linguagem simbólica de Antônio Vieira: podemos entender no sentido literal, em seu primeiro grau de significação; e podemos estender o sentido, permeando o campo das figuras de linguagem e dos símbolos. Desse modo, chegaremos ao entendimento que o padre logo anuncia a seguir:

Existem “homens-homens” (os racionais que reconhecem e servem a Deus), existem “homens-animais” (os escravizados pelos instintos), existem “homens-plantas” (os que ficam inertes frente a tudo) e existem os “homens-pedras” (os insensíveis de coração duro). Naturalmente, o primeiro precisa do evangelho e é ele próprio o que semeia; os outros três precisam do evangelho, mas são, eles próprios, aqueles que tendem a pisar e desprezar a palavra de Deus.

O texto original se encerra com o dizer final de Vieira: “Tudo isto padeceram os semeadores evangélicos da Missão do Maranhão de doze anos a esta parte.”, isto é, os quatro tipos de homens foram encontrados pelos jesuítas em suas incontáveis missões. Que deveria fazer o semeador? Perseverar.

MOMENTO II

A seguir, Pe. Antônio Vieira estabelece uma distinção que será, aqui, transcrita didaticamente:

Trigo: palavra de Deus.

Espinho: é o coração do homem tomado pelo amor às riquezas e prazeres.

Pedras: é o coração do homem endurecido, apático.

Caminho: são os corações inquietos pelas coisas do mundo.

Terra boa: são os bons corações.

Conclui, pois, com o seguinte questionamento em tom provocativo: “Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus?”

MOMENTO III

A partir da pergunta anterior, todo o discernimento é elaborado no seguinte:

“Fazer pouco fruto a palavra de Deus no mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há de haver três concursos: há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há de concorrer Deus com a graça, alumando.”

Contudo, se há quem não se converta, então, há alguém que falha; o sermão segue com esse discernimento.

Em primeiro lugar, Deus. Deus pode falhar? Não, por implicação lógica, também, é seguro afirmar que a palavra divina jamais deixa de frutificar. Em sequência, os dois “culpáveis” pelo problema identificado podem ser o pregador e o ouvinte. Se admitirmos que a culpa é dos ouvintes, então a palavra de Deus não faz tanto fruto assim e a proposição anterior estaria equivocada, o que é impossível: independentemente do coração do ouvinte, algum efeito tem a palavra de Deus: “O trigo que caiu nos espinhos, nasceu, mas afogaram-no”, diz Antônio Vieira. Desse modo, a palavra frutifica, embora possa ser destruída pelo ouvinte.

Decorre, portanto, que a culpa só pode existir no pregador. O exame, durante todo o restante do Sermão, se centra nesse ponto.

MOMENTO IV

São cinco as circunstâncias do pregador:

A pessoa: o que ele é.

A ciência: no sermão, tem sentido de entendimento, conhecimento, domínio, noção...: “a ciência que tem”; “ciência” também possui uma sutil associação com o trabalho no Sermão original.

A matéria: se refere ao assunto que o pregador aborda.

O estilo: a forma que expressa e escreve.

A voz: o tom, a coerência, o modo, etc.

Qual é, pois, a circunstância do pregador que contamina a palavra de Deus e impede seus frutos? Será, porventura, indaga Vieira, o fato dele ser pecador e não santo? Esta é uma razão forte, mas tem, contra si, a experiência de Jonas (Jn 1, 2-4): fugitivo, desobediente e portador de outros vícios, foi ele quem converteu idólatras. Outra, assim, há de ser a causa.

MOMENTO V

Será o estilo?

Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos, isto é, complicado a tal ponto de obstruir o entendimento? Simbolicamente, Vieira expressa que o trigo, para semear, há de cair: ele caiu quatro vezes e germinou três: caiu com queda, com cadência e em um local específico; em outras palavras: o estilo não é, ele próprio, tão determinante assim, mas é

preciso que tenha essa “cadência” na queda e as demais características mencionadas. Em outras palavras, o estilo, portanto, tem de ser como as estrelas: brilhantes e fixos; claros e orientadores. Diz Pe. Antônio Vieira: “as estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro.”

Conclui o jesuíta que, assim como Deus não fez do céu um “xadrez” de estrelas, não deve o pregador assim proceder.

É seguro inferir, desse modo, que a dificuldade da conversão do Sermão pode advir do pregador que dificulta o processo a depender do estilo que adota.

Ainda há pontos a investigar. Quais seriam os outros e, além disso, a causa principal da dificuldade encontrada?

MOMENTO VI

Jesus Cristo disse que o lavrador do Evangelho semeou apenas uma semente, e não muitas. Daí interpreta o jesuíta que o sermão deve, pois, ter apenas uma só matéria: um só assunto. Semear de outro modo significa semear misturas que acabam por se confundir.

Definida, assim, o assunto principal, o pregador precisa definir com clareza, para que todos saibam do que ele está falando; deve apresentar com clareza e distinção e provar o que está afirmando com a Palavra de Deus; tudo, contudo, deve ser provado pelo exemplo do pregador. Visando a conversão e o sanar das questões, o pregador prega e tira as dúvidas.

Esse modo claro e preciso de discurso, acrescenta Pe. Antônio Vieira, é “demonstrado” por Aristóteles e outros filósofos antigos e, também, o é demonstrado pelos oradores evangélicos: S. João Crisóstomo, de S. Basílio Magno, S. Bernardo, S. Cipriano, S. Gregório Nazianzeno; em Santo Agostinho, S. Gregório, e muitos outros, que, de acordo com o jesuíta, “apostilavam” o evangelho para melhor pregar. Note a palavra empregada: “pregar” e não “instruir” e sequer “expor”, mas pregar. Essa distinção é imprescindível para a devida compreensão, porque pregar implica em o fazer com a fala e com as ações; instruir e expor se restringe ao dizer, apenas.

Esse, todavia, ainda não é o coração da questão.

MOMENTO VII

A próxima causa analisada pelo padre é a “falta de ciência”: conhecimento por parte do pregador, tanto da palavra quanto do efeito que a palavra tem que ter nele mesmo para que surta efeito no ouvinte.

“Depois da sentença de Adão, a terra não costuma dar fruto, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Boa razão parece também esta. O pregador há de pregar o seu, e não o alheio. Por isso diz Cristo que semeou o lavrador do Evangelho o trigo seu: Semen suum. Semeou o seu, e não o alheio, porque o alheio e o furtado não é bom para semear, ainda que o furto seja de ciência. [...] Eis aqui por que muitos pregadores não fazem fruto: porque pregam o alheio e não o seu.”

A citação anterior já apresenta de modo resumido o presente momento e a investigação feita. A princípio, somos quase convencidos de que o pregador que se utiliza de outrem para

evangelizar comete equívoco. Contudo, acrescenta Vieira: “eu não me firmo de todo nesta razão, porque do grande Batista sabemos que pregou o que tinha pregado Isaías, como notou S. Lucas [...]”.

MOMENTO VIII

“Será finalmente a cousa que há tanto buscamos a voz com que hoje falam os pregadores? [...] podem às vezes mais os brados que a razão. Boa era também esta, mas não a podemos provar com o sementeiro, porque já dissemos que não era ofício de boca.”

Os pregadores devem bradar com sua voz para que possam ser ouvidos. Todavia, que não haja confusão: o mecanismo primeiro da pregação não é a voz; a voz é um meio pelo qual a pregação pode vir a se propagar, mas não é o único e sequer é o principal. É preciso, todavia, ao tratar da voz, que ela seja “nuvem” com “relâmpagos” e “raios”: que seja precisa, com forma perfeita; que não se exalte além do limite imposto pela caridade, que paire no ar pronta para chover no momento exato.

Postura contrária, todavia, no ato de pregar, permanece válida: o pregador pode optar por uma voz mais moderada, que brada com moderação de modo a atrair as ovelhas que escolheram entregar os ouvidos, ainda que por um momento.

Assim, padre Antônio Vieira ainda não chegou na causa verdadeira da questão: qual o motivo dos sermões converterem pouco? em quem reside a culpa?

MOMENTO IX

Já sabemos que a causa está no pregador. Vieira, porém, quer ser cirúrgico: qual é exatamente o ponto em que o pregador falha e, portanto, em que as conversões deixam de ocorrer.

Eis a causa tão buscada: as pregações deixam de converter, porque os pregadores pregam com palavras que não são as palavras de Deus.

Embora usem sempre o evangelho; embora sempre cite os Santos, as encíclicas, etc., uma parte considerável dos pregadores não prega a palavra de Deus no sentido que Deus determinou, mas no sentido limitado de seu próprio entendimento; além disso, outro problema ocorre: os pregadores não vivem a palavra de Deus.

Assim, segundo Padre Antônio Vieira, as palavras do pregador não são palavras de Deus, mas do demônio.

“Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não sofrerão a doutrina sã: mas para seu apetite terão grande número de pregadores feitos a montão e sem escolha, os quais não façam mais do que adular-lhes as orelhas: fecharão os ouvidos à verdade e abri-los-ão às fábulas. Fábula tem duas significações: quer dizer fingimento, e quer dizer comédia, e tudo são muitas pregações deste tempo.”

As pregações hão de ser ditas “com o vestido e com o ofício? Assim pregava S. Paulo, assim pregavam aqueles patriarcas que se vestiram e nos vestiram destes hábitos [...]”.

Ocorre, pois, que - e é provável -, o tempo narrado por São Paulo tenha chegado.

MOMENTO X

O pregador precisa pregar “com fama e sem fama”, ou seja, ele precisa saber pregar independentemente daquilo que os ouvintes atribuem a ele como elemento qualificador. O demônio destitui a palavra de Deus de seu sentido; o pregador, instrumento fiel de Deus, a restitui.

O restituir implica, segundo o jesuíta, em chocar; chocar no sentido de impactar, despertar. A boa pregação é aquela que deixa o ouvinte, portanto, pensativo sobre si mesmo: sobre a sua própria vida. Isto ele, porém, faz sozinho: em seu íntimo. Esse ponto final, todavia, só se realiza quando o pregador é coerente não só nas suas palavras, mas - e sobretudo -, na confecção de suas boas obras. Eis a causa primária da dificuldade da conversão via sermão: não se trata da palavra de Deus, que é infalível; não se trata da pessoa que prega, da voz, da ciência... Se trata da ausência de um grau de coerência que tão somente surge conforme o pregador vive a Verdade que professa e realiza boas obras visivelmente em nome dessa Verdade, quase que como consequência natural de a viver.

É esse outro chamado universal que possui os que servem a Cristo e a sua Santa Igreja: o de pregar verdadeiramente através das suas obras. Tais obras são tão somente fruto de uma coerência entre vida particular e palavra de Deus.

“[...] Que conta há de dar a Deus um pregador no dia do juízo? [...] Ai de mim que não disse o que convinha! – Não seja mais assim por amor de Deus e de nós.”

EXERCÍCIO PARA SER FEITO NO CADERNO

A partir da sua produção textual realizada em aula passada, você adquiriu um entendimento a respeito do Barroco e do Padre Antônio Vieira. Faça observações particulares no caderno a partir da exposição feita nesta aula, de modo a incrementar o seu entendimento e resumir o sermão apresentado nos dez momentos.

Uma vez que também somos pregadores da palavra de Deus, quais são os problemas ensinados por Vieira para não produzirmos bons frutos?

Procure elaborar anotações vislumbrando sempre o chamado que Vieira propaga: o de sermos, cada um de nós, propagadores da palavra de Jesus Cristo através de nossas obras. Medite e escreva sobre os meios em que isso se dá considerando a sua vocação particular.



AULA 10

CARTAS DE SÃO PEDRO DAMIÃO

CARTA 151 DE SÃO PEDRO DAMIÃO PARA RAINERIO II, MARQUÊS DE MONTE S. MARIA

Contexto: *Como penitência pelos pecados que o marquês havia confessado a Damiano, este último ordenou-lhe que fizesse uma peregrinação a Jerusalém. Rainerio hesitou, citando as dificuldades e perigos da longa jornada. Usando vários exemplos contemporâneos, Damiano explica que, embora o caminho seja longo e perigoso, Deus, em sua bondade, proverá pela sua segurança.*



elos pecados que me confessaste, nobre senhor, impus-te a viagem a Jerusalém, e assim apaziguar a justiça divina pela penitência desta longa peregrinação. Mas, uma vez que, de acordo com as Escrituras, não tens ideia do que o amanhã trará, estás adiando este assunto até mais tarde; e enquanto temes as incertezas da jornada, não estás providenciando para ti uma cidade segura onde possas viver. E assim, no teu caso, vemos a sentença cumprida que diz: ‘Quem observa o vento jamais semeará, e quem mantém os olhos nas nuvens, nada colhe.’

Obviamente, mantenho certa restrição e regularidade ao atribuir esse tipo de penitência [...] Persuado a perseverar na vocação em que se encontram e a não negligenciar tarefas necessárias em favor daquelas deixadas à nossa livre escolha. [...] Mas exorto aqueles que servem o mundo no militarismo, ou que se dedicam ao serviço de Deus, mas são infiéis à sua profissão, a empreender esta jornada como uma espécie de exílio espiritual, e a satisfazer o temível juiz, cujas leis e mandamentos não observaram em casa enquanto estavam envolvidos no estresse da vida cotidiana.

Portanto, meu caro amigo, não conjure todas as coisas possíveis que podes inventar ou imaginar, e como uma mulher não temas as desgraças que podem acontecer inesperadamente, mas ‘confia no Senhor e faze o bem’. Pois frequentemente, quanto mais ansiosos estamos por causa de nossa dependência da razão humana, mais prontamente a bondade divina vem em nosso auxílio; e quando desesperamos do conforto humano, frequentemente nos conscientizamos da assistência de Deus.

Mas, enquanto caminhavam por regiões inabitadas e haviam passado quatro dias sofrendo sem comida, como um só homem, começaram a implorar a misericórdia de Deus para ajudá-los em sua grande necessidade, e que ‘aquele que dá alimento a todas as suas criaturas’ não lhes negasse pelo menos algum sustento em sua hora de necessidade. Assim que terminaram de orar, viram um pão de tamanho enorme e brilho maravilhoso deitado no caminho.

Portanto, nobre senhor, medite sobre essas e outras flores da misericórdia celestial, não confie em sua própria capacidade, mas, como é apropriado, coloque sua confiança na proteção infalível daquele que é todo-poderoso. Nosso corpo ignóbil tem medo, mas o **ardor** nativo de uma alma corajosa já está em chamas.

Aquele que faz o coração generoso amar, faz com que nossas boas obras frutifiquem. E aquele que encoraja o espírito humano a fazer o bem, sem dúvida, cumprirá os votos que nossa piedade nos sugere.”

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. “Por que tu és, meu Deus, a minha Fortaleza” é um Salmo bastante popular no universo católico, porquanto, ele anuncia que Deus é a fonte da Fortaleza. Todavia, para que Deus realmente seja a fonte da Fortaleza de cada um de nós, é preciso que nós depositemos, N’ele, muitas coisas, dentre elas a nossa Confiança.

Assim, responda: com base no que aprendeu com a leitura desta carta, o que significa confiar em Deus?

2. A partir da sua resposta anterior, considere o pecado da Soberba e da Desesperança. É possível que alguém que, verdadeiramente, deposite sua confiança em Deus incida nestes pecados? Explique.

3. A carta faz menção a um “ardor” da alma, isto é, algo que move toda a vontade humana. Pode a vocação universal (aquela que todos somos chamados) e a vocação particular serem esse “ardor” da alma? Explique.

Tome nota: confiar em Deus significa deixar-se tomar pela serenidade, esperança, fé ... que surgem naturalmente a partir do momento em que realmente se vive acreditando que Deus tudo provê, desde que de acordo com a Sua vontade; que Deus nos protege e nos guia no caminho da Santidade.

Mediante turbulências diversas, por exemplo, quem confia em Deus, adquire um grau de paz que lhe concede formas melhores de atribuir significado e viver determinado sofrimento.

CARTA 155 DE SÃO PEDRO DAMIÃO PARA O PREFEITO ROMANO CENCIO

Contexto: é melhor que o prefeito atenda ao seu cargo e responsabilidade de administrar a justiça do que priorizar a busca pelas formas de piedade e devoção pessoais.

“É especialmente aterrorizante se você, que administra um cargo de tamanha dignidade, se expõe às vezes à preguiça da ociosidade. [...] Ouça, então, o que um homem sábio deveria dizer: ‘Um juiz sábio julgará seu povo, e o governo de um homem prudente será estável para a terra. Como o juiz do povo é ele mesmo, assim também são seus ministros, e qual é a natureza do homem que governa uma cidade, assim também são aqueles que nela habitam.’

É claramente entendido a partir destas palavras que se você guardar a justiça e, como resultado disso, for justo, então não apenas os ministros serão justos, mas também seus súditos na população urbana. Portanto, cuide para que, por devoção à sua própria oração e por sua própria conveniência, você não negligencie o governo de uma população inumerável confiada a você e desconsidere o bem-estar geral do povo comum, que espera justiça de você. Pois está escrito: “Aquele que guarda a lei multiplica a oração e é um sacrifício saudável prestar atenção aos mandamentos.

[...] exerça diligentemente o cargo de administração confiado a você, de modo que se imagine como um trabalhador em uma vinha confiada a você, e se espera uma moeda de remuneração adequada, não será negligente no esforço do trabalho. Deixe então a severidade dos decretos legais conter aqueles a quem a integridade de uma boa reputação não impede dos excessos da injustiça, e deixe-os conhecer o poder da lei, a quem a violência da depravação convence de transgredir o limite da retidão, para que quando os direitos de cada pessoa sejam protegidos por aqueles que estão sob sua autoridade, então também os salários adequados de sua própria administração serão guardados para você diante de Deus.”

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

Reflexão: O que significa “dar ao próximo o que lhe é devido”?

Segundo o Padre Francisco Faus, no livro “A Conquista das Virtudes” a justiça se caracteriza por “Dar ao próximo o que lhe é devido”. Assim, a depender da situação em que nos encontramos, “dar ao próximo o que lhe é devido” pode variar. Por exemplo, supondo a situação em que encontramos um necessitado na porta do mercado, é devido, se houver condições, nós os ajudarmos; porque, desse modo, concedemos o bem-estar que merecem todos os filhos de Deus. Na mesma lógica, pode vir a ser justo, por exemplo, adotarmos um comportamento mais determinado e, por vezes, afrontoso, em situações em que a nossa Fé é atacada.

Agir conforme a virtude da justiça, exige, pois, discernimento e uma certa adequação à circunstância. Também exige apego aos princípios católicos.

Busque discernir, na sua vida, o que é devido que você dê às pessoas que você ama. Este vai ser o seu princípio para o cultivo da virtude da justiça.

1. Elabore uma reflexão pessoal, e a escreva no seu caderno, buscando averiguar o grau de justiça que impera no mundo, hoje. Para a sua reflexão, você pode escolher um país, estado, cidade ou qualquer outra região, conforme o seu desejo. Obrigatoriamente, porém, adote como entendimento de justiça o seguinte: justiça é dar ao próximo o que lhe é devido.

2. Conforme o que você realizou na questão anterior, note o seguinte: existem três tipos de justiça!

- A Justiça de Deus: a divina que todos somos sujeitos.
- A Justiça do Homem: a justiça que pode se basear na divina, ou não; pois é uma realização a partir do entendimento humano, geralmente, por meio de instituições públicas e privadas.
- E existe a justiça “eu acho”: o entendimento que não busca a objetividade, mas simplesmente a opinião com base na preferência.

Resposta no seu caderno o seguinte: Qual tipo de justiça Santo Anselmo exorta em sua carta?

3. Qual a lei que é mais obedecida pelos Homens hoje? Essa lei, a seu ver, obedece à Deus ou aos caprichos humanos que, muitas vezes, são determinados por grupos ideológicos?

CARTA 173 – PEDRO DAMIÃO À SEU DISCÍPULO BUCCO

O monge perguntou se Deus usava anjos bons ou maus para punir os homens por seus pecados. Damião responde, citando exemplos do Antigo Testamento e dos Atos dos mártires, que, à Sua vontade, Deus usava ambos.

“Seu respeito por mim o levou a perguntar se são os anjos bons ou maus pelos quais o Deus todo-poderoso castiga os pecados dos transgressores, e se ele está acostumado a infligir o castigo da morte súbita ou de alguma grande desgraça. A isso, há de fato uma resposta fácil e óbvia. Pois, se prestarmos muita atenção às Sagradas Escrituras, descobrimos que a retribuição é administrada por ambos os tipos de espíritos, assim como o supremo Juiz dispõe.

Mas para que minha breve resposta não se afaste deste assunto importante, direi que Sodoma foi destruída por anjos bons. Pois se fossem forças hostis, o abençoado Ló jamais os teria venerado, nem, como lemos, os teria recebido reverentemente como seus hóspedes. ‘Eu vos suplico, senhores’, ele disse, ‘desviai-vos para a casa de vosso servo e passai a noite lá.’

O anjo, além disso, que matou setenta mil homens quando Davi fez o censo de seu povo, era indiscutivelmente um bom espírito. Pois a Escritura fala dele nestas

palavras: ‘O anjo do Senhor, falando pelos lábios de Deus, ordenou a Gade que dissesse a Davi para ir à eira de Ornã, o jebuseu, e lá erigir um altar ao Senhor.’

Um espírito reprovado, para ser claro, não teria ordenado a construção de um altar, nem o devoto profeta o teria obedecido humildemente. Além disso, aqueles anjos também eram santos, os quais, como relatado no segundo livro dos Macabeus, derrubaram Heliódorus enquanto ele tentava levar o dinheiro depositado no templo sagrado, o espancaram com golpes terríveis, o cegaram e o deixaram à beira da morte. E a Escritura continua a falar deles desta forma: ‘Eles viram um cavalo’, diz, “esplendidamente arreado, com um cavaleiro de aspecto terrível; ele se precipitou ferozmente contra Heliódorus e, empinando-se, atacou-o com suas patas dianteiras. O cavaleiro parecia estar vestindo uma armadura dourada. Também apareceram a Heliódorus dois jovens de força extraordinária e beleza gloriosa, magnificamente vestidos. Eles ficaram de cada lado dele e o chicotearam, desferindo golpes incessantes sobre ele. Ele caiu repentinamente no chão, sobrecarregado por uma grande escuridão, e [seus homens] o pegaram e o colocaram em uma maca.

No entanto, a Escritura demonstra com mais frequência que Deus também aplica seu castigo aos homens por meio de espíritos reprovados. Pois um espírito maligno apoderou-se do Rei Saul e o fez sucumbir à loucura. E Satanás atacou o abençoado Jó, não apenas com aflições corporais, mas também na perda de seus filhos. Além disso, como registra a história sagrada, o demônio Asmodéu matou os sete maridos de Sara, filha de Raquel.

Portanto, foi escrito: ‘Ele soltou sobre eles sua indignação, ira e problemas, que ele enviou por anjos malignos.’ É evidente, portanto, que o impulso da justiça de Deus é aplicado a nós tanto por anjos bons quanto por maus, como é atestado por essas e muitas outras citações das Sagradas Escrituras. Mas, uma vez que todos esses castigos e adversidades da justiça divina são administrados pelo serviço angelical, é escolha exclusiva do Deus todo-poderoso decidir quando ele usará anjos bons e quando usará anjos maus.

Mas para não nos desviarmos com uma longa lista de exemplos, Santa Cecília usou a ameaça da ira de um anjo bom, enquanto a bem-aventurada mártir Agnes invocou um espírito maligno vingativo. A primeira, de fato, advertiu seu esposo Valeriano: ‘Eu tenho como amante um anjo de Deus, que guarda meu corpo com grande zelo. Se ele perceber mesmo que seja um pouco que você está me tocando com amor impuro, ele despertará sua fúria contra você, e você perderá sua beleza e sua juventude em plena flor.’ Por outro lado, ela informou ao prefeito que seu filho foi estrangulado por um espírito maligno: ‘Ele,’ disse ela, ‘cuja vontade seu filho tentou realizar, recebeu o poder de fazer com ele o que quisesse.’

Consequentemente, a partir das evidências claras do Antigo e do Novo Testamento, aprendemos que a retribuição divina é dispensada não apenas por espíritos malignos, mas também por anjos bons. Pois qualquer mestre de uma casa captura animais selvagens e repele ladrões, às vezes empregando cães e em outras vezes usando seus servos.”

PARA APROFUNDAR O CONHECIMENTO

1. Após a leitura desta carta, reflita e escreva a resposta dada ao discípulo: São os anjos bons ou maus pelos quais o Deus todo-poderoso castiga os pecados dos transgressores?

Deus é tanto Misericórdia quanto Justiça, daí a sua perfeição no juízo. De fato, o seu juízo é, por nós, incompreensível. Assim, nos resta nos conformar com a Vontade divina. Para tanto, realize um estudo sobre o Tratado da Conformidade com a Vontade Divina de Santo Afonso Maria de Ligório.



AULA 11

O BARROCO BRASILEIRO – PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Leia a carta do Padre Antônio Vieira e realize os exercícios em seu caderno:



enhor. — A Providência Divina, que por seus altíssimos juízos pôs nas mãos de Vossa Majestade o centro de Portugal em tão tenros anos, se servirá de assistir e alumiar a alma de Vossa Majestade, com tão particulares auxílios de seu espírito e graça, como o peso de tão dilatada monarquia, em tais circunstâncias de tempo, há mister: e nós, os religiosos desta missão de Vossa Majestade, não cessaremos de assim o pedir continuamente a Deus, oferecendo por esta tenção e pela vida e felicidade de Vossa Majestade todos os nossos sacrifícios, orações e trabalhos.

Senhor, os reis são vassallos de Deus, e, se os reis não castigam os seus vassallos, castiga Deus os seus. A causa principal de se não perpetuar as coroas nas mesmas nações e famílias é a injustiça, ou são as injustiças, como diz a Escritura Sagrada; e entre todas as injustiças nenhuma clamam tanto ao céu como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres, e as que não pagam o suor aos que trabalham; e estes são e foram sempre os dois pecados deste Estado, que ainda têm tantos defensores. A perda do Senhor Rei D. Sebastião em África, e o cativo de sessenta anos que se seguiu a todo o reino, notaram os autores daquele tempo que foi castigo dos cativos, que na costa da mesma África começaram a fazer os nossos primeiros conquistadores, com tão pouca justiça como a que se lê nas mesmas histórias.

As injustiças e tiranias, que se têm executado nos naturais destas terras, excedem muito às que se fizeram na África. Em espaço de quarenta anos se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios, e mais de quinhentas povoações como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo. Proximamente, no ano de 1655, se cativaram no rio das Amazonas dois mil índios, entre os quais muitos eram amigos e aliados dos portugueses, e vassallos de Vossa Majestade, tudo contra a disposição da lei que veio naquele ano a este Estado, e tudo mandado obrar pelos mesmos que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei; e também não houve castigo: e não só se requer diante de Vossa Majestade a impunidade destes delitos, senão licença para os continuar!

Com grande dor, e com grande receio de a renovar no ânimo de Vossa Majestade, digo o que agora direi: mas quer Deus que eu o diga. A El-Rei Faraó, porque consentiu no seu reino o injusto cativo do povo hebreu, deu-lhe Deus grandes castigos, e um deles foi tirar-lhe os primogênitos.

No ano de 1654, por informação dos procuradores deste Estado, se passou uma lei com tantas larguezas na matéria do cativo dos índios, que depois, sendo Sua Majestade melhor informado, houve por bem mandá-la revogar; e advertiu-se que neste mesmo ano tirou Deus a Sua Majestade o primogênito dos filhos e a primogênita das filhas. Senhor, se alguém pedir ou aconselhar a Vossa Majestade maiores larguezas que as que hoje há nesta matéria, tenha-o Vossa Majestade por inimigo da vida, e da conservação e da coroa de Vossa Majestade.

Dirão porventura (como dizem) que destes cativos, na forma em que se faziam, depende a conservação e aumento do Estado do Maranhão; isto, Senhor, é heresia. Se, por não fazer um pecado venial, se houver de perder Portugal, perca-o Vossa Majestade e dê por bem empregada tão cristã e tão gloriosa perda; mas digo que é heresia, ainda politicamente falando, porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente; e a experiência o tem mostrado neste mesmo Estado do Maranhão, em que muitos governadores adquiriram grandes riquezas e nenhum deles as logrou nem elas se lograram; nem há cousa decidida nesta terra, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim; porque tudo vai misturado com sangue dos pobres, que está sempre clamando ao céu.

Se o sangue de um inocente deu tais vozes a Deus, que será o de tantos? E mais Abel, Senhor, salvou-se, e está no céu. E se uma alma que se salva pede vingança, tantos milhares e milhões de almas, que pelas injustiças deste Estado estão ardendo no inferno, tendo Portugal obrigação de justiça de as encaminhar para o céu, que vingança pedirão a Deus? E sendo isto assim, Senhor, só os que defendem esta justiça são perseguidos; só os que salvam estas almas são afrontados; só os que tomaram à sua conta este tão grande serviço de Deus têm contra si todos os homens.

Sirva-se Vossa Majestade de mandar considerar que, enquanto as sobreditas tiranias se executavam no Maranhão, nenhuma pessoa houve, eclesiástica nem secular, que zelasse o remédio delas nem da salvação destas almas; e depois que houve quem tomou por sua conta um e outro serviço de Deus, logo houve tantos zelosos que se armaram contra esta obra, sinal manifesto de ser tudo traça e instigação do demônio, para impedir o bem espiritual tanto dos portugueses como dos índios, que uns com os outros se iam ao inferno; e seria desgraça muito para sentir que os ministros do demônio prevaleceram contra os de Cristo, em um reino tão cristão como Portugal.

Os outros reinos da cristandade, Senhor, têm por fim a conservação dos vassalos, em ordem, à felicidade temporal nesta vida, e a felicidade eterna na outra: o reino de Portugal, de mais deste fim universal a todos, tem por fim particular e próprio a propagação e a extensão da fé católica nas terras dos gentios, para que Deus o levantou e instituiu; e quanto Portugal mais se ajustar com este fim, tanto mais certa e segura terá sua conservação; e quanto mais se desviar dele, tanto mais duvidosa e arriscada.

Nas segundas vias dos despachos de Vossa Majestade espero que Vossa Majestade haverá mandado deferir a tudo o que representei nos navios do ano passado; e, porque não

138 | Língua Portuguesa – Literatura em Língua Portuguesa – Volume 3

sei o que poderá ter sucedido, resumo outra vez aqui tudo o que de presente é necessário, para a conservação, aumento e quietação desta cristandade, que são principalmente as quatro cousas seguintes:

Primeira: que na lei e regimento de Vossa Majestade sobre os índios e missões se não altere coisa alguma, e que a esse fim se não admita nem defira a requerimento em contrário.

Segunda: que os governadores e capitães-mores que vierem a este Estado sejam pessoas de consciência; e, porque estas não costumam vir cá, que ao menos tragam entendido que mui deveras hão de ser castigados, se em qualquer cousa quebrarem a dita lei e regimento.

Terceira: que os prelados das Religiões sejam tais que as façam guardar a seus religiosos, nem consintam que de público ou secreto as contradigam, e se houver algum religioso desobediente nesta parte, seja mandado para fora do Maranhão.

Quarta: que Vossa Majestade mande vir maior número, de religiosos da Companhia, para que ajudem a levar adiante o que têm começado os que cá estamos; porque é o meio único (posto que mui trabalhoso para os ditos religiosos) com que só se podem reduzir estas gentilidades.

E porque à nossa notícia tem chegado que, contra os missionários que neste Estado servimos a Deus e a Vossa Majestade, e contra o governo da dita missão, se têm apresentado a Vossa Majestade algumas queixas, pedimos humildemente a Vossa Majestade seja Vossa Majestade servido mandar-nos dar vista de todas, ainda que sejam das que tocarem ao Estado, porque a todas esperamos satisfazer de maneira, que fique conhecido com grande clareza quão úteis são os missionários da Companhia, não só ao melhoramento espiritual dos portugueses e índios, senão ainda ao temporal de todos.

A muito alta e muito poderosa pessoa de Vossa Majestade guarde Deus, como a cristandade e vassalos de Vossa Majestade havemos mister.”

— Maranhão, 20 de abril de 1657.

Antônio Vieira.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Segundo Padre Antônio Vieira, quais os dois pecados do estado português?
2. O que justificaria a vinda dos castigos para o reino português no futuro, segundo o jesuíta?
3. O autor da carta se posiciona favorável ou contrário ao cativo? Copie um trecho que comprove a sua resposta.
4. Qual é a finalidade dos reinos da cristandade? E sobre Portugal, o que mais considera?
5. O que é necessário, segundo o Padre Antônio Vieira, para que a cristandade continue em expansão?

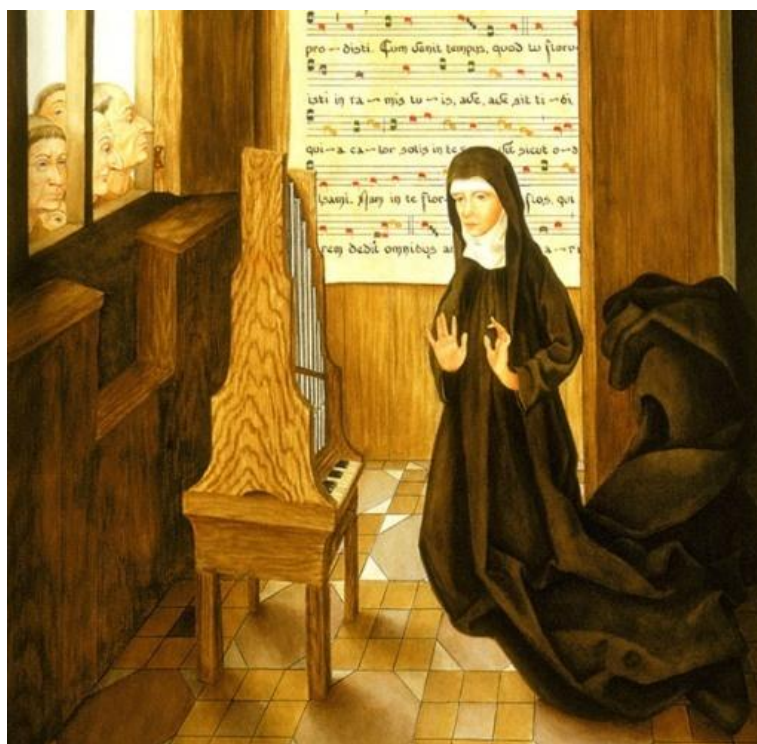
AULA 16

SCIVIAS – SCIFO VIAS DOMINI

CONHECE OS CAMINHOS DO SENHOR

Objetivo: apresentar a obra “Scivias” de Santa Hildegarda em seus trechos seletos e extrair seus ensinamentos.

A ALMA E O CORPO



Então vi um imenso e sereno esplendor, chamejante, por assim dizer, com muitos olhos, com quatro chifres apontando em direção aos quatro cantos do mundo, o que me foi manifesto no maior mistério, para mostrar-me o segredo do Criador Supremo; e nele apareceu outro esplendor como a aurora, contendo em si mesmo um brilho de púrpura radiante. E eis que vi sobre a terra pessoas carregando leite em vasos de barro e fazendo queijos dele; e uma parte era espessa, e desta faziam-se queijos fortes; e outra parte era fina, e dela coagulavam-se queijos fracos; e uma parte era misturada com corrupção, e dela formavam-se queijos amargos. E eu vi a imagem de uma mulher que tinha uma perfeita forma humana em seu ventre. E eis que, pelo secreto desígnio do Supernal Criador, aquela forma mexia-se com movimento vital, de modo que um globo ígneo que não tinha traços humanos tinha a posse do coração daquela forma e tocava seu cérebro e se espalhava por todos os seus membros. Mas, então, esta forma humana, vivificada desta maneira, adiantava-se do ventre da mulher e mudava sua cor de acordo com os movimentos que o globo fazia naquela forma. E eu vi que muitos

redemoinhos, todos juntos, agrediram um daqueles globos e o abaixaram até o chão; mas, recuperando sua força e elevando-se bravamente, resistiu-lhes corajosamente e disse com um gemido:"

LAMENTO DA ALMA QUE ESTÁ RETORNANDO, PELA GRAÇA DE DEUS DA SENDA DO ERRO

Uma peregrina, onde estou? Na sombra da morte. [...] Aqueles que me haviam capturado, espancavam-me e faziam-me comer com suínos e, enviando-me para um lugar deserto, davam-me para comer ervas amargas imersas em mel. [...] Que os céus escutem graciosamente meu clamor, e que a terra trema perante meu profundo sofrimento, e cada coisa vivente se incline, com piedade, perante meu cativo. De fato, a mais amarga tristeza me oprime, a mim que sou uma peregrina sem conforto e sem auxílio. [...] Oh, para onde retornarei? E para onde fugirei? Minhas tristezas são inúmeras; pois, se eu continuar nestas maldades, tornar-me-ei companheira daqueles a quem conheci para minha vergonha na terra de Babilônia

[...] E eis que uma dulcíssima fragrância tocou minhas narinas, como um suave hálito exalado por minha mãe. Oh, quantos gemidos e lágrimas derramei, então, quando senti a presença daquela pequena consolação!

[...] Mas meus inimigos, ouvindo estes meus gritos, disseram: “Onde está ela, a quem até agora conservávamos conosco conforme queríamos, de modo que ela fazia completamente nossa vontade? Olhem como ela está clamando pelos habitantes do céu. Usemos, pois, todas as nossas artes e guardemo-la com tão grande zelo e cuidado, que ela não possa escapar-nos, pois antes ela era completamente sujeita a nós. Se fizermos isso, ela nos seguirá novamente”

Mas, por causa daquela doçura que minha mãe ultimamente me enviara, eu estava, pela primeira vez, plena de tal força que me volvei para o leste e retomei meu caminho ao longo da senda estreita [...] Ali, no meio-caminho, havia áspides, escorpiões, serpentes e outras coisas igualmente rastejantes, todas sibilando para mim. Terrificada, lancei os mais altos agudos gritos, clamando: “Ó mãe, onde estás? Eu sofreria menos se ultimamente não tivesse sentido a doçura de tua presença; pois estou caindo de novo na escravidão na qual jazo precisamente agora. Onde está agora teu auxílio?”. E então eu ouvi a voz de minha mãe, dizendo-me:

AS ASAS DA ALMA

Ó filha, corre! Pois o Poderosíssimo Doador, a quem ninguém pode resistir, deu-te asas para voar. Portanto, voa velozmente sobre todos estes obstáculos!”. E eu, confortada por grande consolação, levantei voo e passei celeremente sobre todas aquelas coisas venenosas e mortais.

O LAMENTO DA ALMA

Mas eu, frágil e iletrada, vi que muitos redemoinhos arrojavam-se contra outro destes globos e tentaram lançá-lo por terra, mas não podiam; [...]. Ah, o que sou eu? E qual é o tema de meu clamor? Sou o hálito vivente em um ser humano, colocado em um tabernáculo de medula, artérias, ossos e carne, concedendo-lhe vitalidade e apoiando cada um de seus movimentos. [...] Pois quando as obras de meu tabernáculo prosperam, a persuasão do diabo me toca e me enreda, e eleva-me em insolente orgulho, de modo que digo: “Desejo agir de acordo com as alegrias da fertilidade terrena!”. De fato, dentro de meu tabernáculo, compreendo todas as obras, mas sou impedida por seus desejos ardentes de tal modo que, antes que possa discernir minha própria obra, vejo terríveis ferimentos em mim. Ó, que grito deixo escapar! E digo: “Ó Deus, vós não me criastes? Olhai como a terra ignóbil me oprime!”. [...] Assim, eu também estou com medo e escondo-me da face de Deus quando sinto que minhas obras, em meu tabernáculo, são contrárias a Deus. Mas quando penso, acima de tudo, na escala de chumbo do pecado, eu condeno todas as obras que ardem de desejo carnal

A RESPEITO DOS REDEMOINHOS ENGENDRADOS PELA PERSUASÃO DO DIABO

Ai de mim, uma peregrina! Como posso sobreviver entre estes perigos? E o que acontece quando a persuasão do diabo me invade [...] Por conseguinte, os redemoinhos contam-me mentiras em muitas vozes, que se levantam dentro de mim, dizendo: “Quem és tu? E o que estás a fazer? E o que são estas batalhas que estás enfrentando? És, certamente, infeliz, pois não sabes se a tua obra é boa ou má. Aonde irás? E quem te salvará? E o que são estes erros que estão a levar-te à loucura? Estás a fazer o que te agrada? Estás fugindo daquilo que te aflige? Ó, o que farás quando souberes isso e fores ignorante daquilo? [...] E desejo voar acima das nuvens. Como? Desejo voar acima de minhas faculdades e começar coisas que não posso terminar. Mas quando tento fazer tais coisas, apenas agito grande tristeza em mim mesma, de modo que não realizo obra alguma, nem nas alturas da santidade nem nas planícies da boa vontade; mas suporto dentro de mim a inquietude da dúvida, do desespero, da tristeza da opressão em todas as coisas. E quando, em seguida, a persuasão do diabo me perturba, ó, que grande calamidade se apodera de mim!

A RESPEITO DO QUE FAZ COM QUE TAIS ERROS VENHAM À EXISTÊNCIA

Mas de onde o mal desses erros vem à existência? Disto: que a antiga serpente tem, dentro de si mesma, astúcia e habilidade enganosas e o veneno mortal da iniquidade. De fato, mediante sua astúcia, ele me infunde obstinação no pecar e retrai meu intelecto do temor de Deus, de modo que não tenho medo de pecar, e digo: “Quem é Deus? Não sei quem é Deus”.

[...] Mas quando, pelo dom de Deus, eu me lembro de que Deus me criou, então no meio destas opressões eu dou esta resposta à tentação do diabo: “Não cederei ao frágil barro, mas lutarei furiosamente esta guerra!”. Como? Quando meu tabernáculo tentar fazer obras de perversidade, eu pisarei sobre medula, sangue e carne na sabedoria da paciência, tal como um forte leão se defende, e a serpente, fugindo a uma golpe mortal, esconde-se em seu buraco. Pois não devo deixar-me atingir pelas flechas do diabo ou praticar os prazeres da carne. Como?

COMO A IRA, O ÓDIO E O ORGULHO SÃO DOMINADOS

Quando a ira tentar incendiar meu tabernáculo, olharei para a bondade de Deus, a quem a ira jamais toca; e assim, serei mais doce do que o ar, que em sua suavidade umedece a terra, e tenho alegria espiritual porque as virtudes estão começando a mostrar-se em mim. E, desse modo, sentirei a bondade de Deus.

E quando o ódio tentar obscurecer-me, olharei para a misericórdia e para o martírio do Filho de Deus, e, assim, controlarei minha carne e, em memória fiel, receberei a doce fragrância das rosas que brotam dos espinhos. Então reconhecerei meu Redentor.

E quando orgulho tenta construir em mim uma torre de vaidade, sem fundamento sobre a rocha, e tenta erigir em mim a altivez que não quer que ninguém seja como ele mesmo, mas sempre querendo ser maior do que o resto – ó, quem me ajudará, então, quando a antiga serpente, que caiu na morte por desejar estar acima de todo o mundo, estiver tentando lançar-me por terra? Então eu digo com pesar: “Onde está meu Rei e meu Deus? Que bem posso fazer sem Deus? Nenhum”. Mas então eu olho para Deus, que me deu a vida, e recorro à Bem-aventurada Virgem, que calcou sob os pés o orgulho do abismo antigo, e assim sou transformada em uma forte pedra do edifício de Deus; e o lobo rapinante, que se estrangula no gancho divino, de agora em diante já não pode vencer-me. E assim, na sublimidade de Deus, conheço o dulcíssimo bem, que é a humildade, e sinto a doçura do bálsamo infalível e rejubilo me no encanto de Deus, como se eu estivesse em meio à fragrância de todos os perfumes. E assim, protejo-me contra os vícios mediante o indestrutível escudo da humildade”.

PALAVRAS DE DEUS À HUMANIDADE, SEGUNDO AS QUAIS ELA DEVERIA OBEDECER AOS PRECEITOS DIVINOS

[...] ó meus caríssimos filhos, abri vossos olhos e ouvidos, e obedeci aos meus preceitos! Por que desprezais vosso Pai, que vos livrou da morte? Os coros dos anjos cantam: “Vós sois justo, ó Senhor!” (Sl 118,137), porque a justiça de Deus não tem nenhuma falha em si; pois Deus livrou a humanidade não pelo poder, mas pela misericórdia, quando ele enviou seu Filho ao mundo para redimi-lo. [...] O primeiro homem também conheceu Deus e o amou

na simplicidade e, recebendo seus preceitos, dispôs-se a obedecer; mas, em seguida, inclinou-se para o mal e cometeu a desobediência. De fato, quando o diabo lhe sugeriu o mal, ele se esqueceu do bem e perpetrou o mal e, conseqüentemente, foi expulso do paraíso. Portanto, o mal deve ser lançado dentro da perdição da morte, e o bem abraçado no amor da vida.

Tu, porém, ó humano, quando consideras o bem e o mal, situas-te, por assim dizer, onde duas estradas se bifurcam. Se desprezas as trevas do mal e queres ver aquele cuja criatura és, e aquele a quem reconheceste no santo batismo, onde o velho pecado de Adão foi anulado em ti; [...] E se tu, então, livras-te do enfado e corres corajosamente pelos mandamentos de céus, ele sempre ouvirá o clamor de tuas preces. Portanto, deverias submeter tua carne e subjugar-la à regra da alma. Mas tu dizes: “Trago em minha carne tantos e tão grandes fardos que não consigo vencer a mim mesmo; mas, visto que Deus é bom, ele me fará bom. Como posso subjugar minha carne sendo humano? Deus é bom; ele aperfeiçoará todas as coisas boas em mim. Pois quando lhe apraz, ele pode tornar-me bom”.

Eu, porém, te digo: Se Deus é bom, por que dás tão pouco valor em conhecer sua bondade, que entregou seu Filho para libertar-te, através de tantos pesares e penares oriundos da morte? Quando dizes que não podes fazer boas obras, falas em injusta perversidade. Pois tens olhos para ver, ouvidos para ouvir, um coração para pensar, mãos para trabalhar e pés para andar, de modo que, com teu corpo, podes erguer-te e deitar-te, dormir e despertar, comer e jejuar. Assim Deus te criou. Portanto, resiste aos desejos de tua carne, e Deus ajudar-te-á.

[...] Agora, porém, aborrece-te buscar o que não tem fim. Como o boi é estimulado pelo aguilhão, assim deverias esforçar-te no corpo pelo temor do Senhor; se o fazes, Deus não te expulsará.

[...] que a pessoa fiel reconheça sua dor, e busque o médico antes que caia morto. Se ela considera sua dor e busca o médico, este último, quando encontrado, mostrar-lhe-á a amarga medicina que a pode salvar; ou seja, as palavras amargas pelas quais ela deve ser testada para ver se sua penitência provém da raiz de seu coração, ou somente de seu sopro instável. [...] Há muitos que somente a muito custo aceitam a penitência por seus pecados; mas, mesmo com muitos esforços, não obstante a levam adiante por medo da morte. No entanto, eu lhes estendo a mão e mudo sua amargura em doçura, de modo que eles possam realizar tranquilamente aquela penitência que eles começaram com tanta dificuldade. Mas aquele que negligencia o arrependimento de seus pecados, dizendo que lhe é difícil castigar seu corpo, será aviltado, pois ele não quer olhar para si mesmo, nem buscar um médico, nem ter suas feridas curadas, mas esconde a horrível fe rida em si mesmo e recobre a morte com falsas aparências para escondê-la. Assim, ele é avesso a provar a penitência, indisposto a olhar para o óleo da misericórdia e buscar a consolação da redenção; e assim ele incorrerá na morte, visto que amou a morte e não buscou o Reino de Deus.

DÉCIMA PRIMEIRA VISÃO

AS CINCO ÉPOCAS DO GOVERNO TEMPORAL

Todas as coisas que estão sobre a terra correm para seu fim, e o mundo propende para o fim, oprimido pelo enfraquecimento de suas forças e por causa de suas muitas tribulações e calamidades. Contudo, a Noiva de meu Filho, bastante atribulada por causa de seus filhos, tanto pelos precursores do filho da perdição quanto pelo próprio destruidor, jamais será esmagada, não importa quanto a ataquem. Mas no fim do tempo, ela levantar-se-á mais forte do que nunca, e tornar-se-á mais bela e mais gloriosa; e assim, ela caminhará doce e prazerosamente para os abraços de seu Amado. E isso está misticamente indicado pela presente visão. Pois, ao olhar para o norte, eis que ali se acham cinco feras. Estas são as cinco épocas ferozes do governo temporal, realizado pelos desejos da carne, da qual a mancha do pecado jamais está ausente, e elas se enfurecem selvagememente umas contra as outras.

O CÃO DE FOGO

Uma é como um cão, feroso, mas não inflamado, pois aquela era produzirá pessoas com um temperamento mordaz, que parecem ferosas na própria avaliação delas, mas não ardem com a justiça de Deus.

O LEÃO AMARELO

Outra é como um leão amarelo. Esta era suportará pessoas marciais, que instigam muitas guerras, mas não ponderam a justiça de Deus em si mesmas. Na verdade, aqueles reinos começarão a fraquejar e a exaurir-se, como o mostra a cor amarela.

O CAVALO PÁLIDO

Outra é como um cavalo pálido, pois aqueles tempos produzirão pessoas que se afogam no pecado, e em seus prazeres licenciosos e fugazes, negligenciam todas as atividades virtuosas. E assim, estes reinos perderão sua força rubra e tornar-se-ão pálidos por medo da ruína, e seus corações serão despedaçados.

O PORCO NEGRO

E outra é como um porco negro, pois esta época terá líderes que se enegrecerão com a miséria e chafurdarão na lama da impureza. Infringirão a Lei divina pela fornicção e outros males semelhantes e conspirarão para divergir da santidade dos mandamentos de Deus.

O LOBO CINZENTO

E a última é como um lobo cinzento. Efetivamente, aqueles tempos contarão com pessoas que saqueiam umas às outras, roubando os poderosos e afortunados; e nesses conflitos, elas mostrarão não serem nem pretas nem brancas, mas cinzentas em sua esperteza. E elas dividirão e conquistarão os governantes daqueles reinos; e, em seguida, virá o tempo em que muitos cairão em armadilhas, e o terror dos erros levantar-se-á do inferno para o céu.

E então os filhos da luz serão pisados no lagar do martírio; e eles não renegarão o Filho de Deus, mas rejeitarão o filho da perdição que tenta fazer sua vontade com as patifarias do diabo.

E elas estão voltadas para o oeste, pois estes tempos transitórios desvanecerão com o pôr do sol. De fato, as pessoas surgem e se põem como o sol, e algumas nascem, e algumas morrem.



EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Identifique os trechos que sinalizam a opressão do pecado e a libertação pela graça. Anote-os no caderno.

A seguir, relacione tais trechos com o seguinte ensinamento de Josemaria Escrivá: “A soberba, mais cedo ou mais tarde, acaba por humilhar, diante dos outros, o homem “mais homem”, que atua como uma marionete vaidosa e sem cérebro, movida pelos fios que satanás aciona.”

2. Medite e registre as suas observações sobre a seguinte questão: a misericórdia de Deus atua sobre aquele que tenta e consegue ou atua sobre aquele que tenta viver uma vida reta, embora caia frequentemente?

3. Somos diariamente invadidos pelos redemoinhos da serpente e, assim, tentados a abandonar progressivamente os nossos propósitos, deveres e semelhantes. Contra essas tentações, a Igreja nos entrega as orações jaculatórias.

Registre as seguintes orações no caderno e, após, pesquise uma terceira, bem como o significado de “orações jaculatórias”:

"A Cruz Sagrada seja a minha luz, não seja o dragão o meu guia."

"Maria, passa na frente e esmaga a cabeça da serpente!"

4. Leia atentamente o subcapítulo da obra *Scivias* de Santa Hildegarda denominado “*Palavras de Deus à humanidade, segundo as quais ela deveria obedecer aos preceitos divinos*” e o resuma no caderno.

5. Cada uma das eras descritas por Santa Hildegarda é explicada, simbolicamente, através da figura de certos animais. Quais animais são esses e o que eles representam?

A seguir, baixe gratuitamente o PDF da obra *Scivias* e leia “*As Cinco Épocas do Governo Temporal*” na íntegra.

LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

PLANEJAMENTO CURRICULAR: LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LITERATURA BRASILEIRA E PORTUGUESA

- Neoclassicismo português.
- Neoclassicismo brasileiro.

INDICAÇÃO DE LEITURA:

- Marília de Dirceu e Cartas Chilenas de Tomás Antônio Gonzaga.
- Vila Rica de Cláudio Manuel da Costa.



AULA 13

CLASSICISMO E NEOCLASSICISMO PORTUGUÊS

Objetivo: *compreender a Era Clássica na literatura portuguesa em suas três etapas que a compõem.*

A ERA CLÁSSICA



o volume intitulado “Era Clássica” da coleção Presença da Literatura Portuguesa, A. Soares Amora enquadra o movimento clássico nas artes e na literatura em um espaço temporal determinado e o divide em três blocos: Tem-se a “Primeira Época Clássica”, de 1527-1580; tem-se a “Segunda Época Clássica”, de 1580-1756; e, enfim, tem-se a “Terceira Época Clássica”, de 1756-1825. Esta terceira época é denominada neoclássica.

Na presente aula, vamos nos ater à compreensão das três etapas que compõe a Era Clássica. Na aula seguinte, vamos mergulhar nos textos e nas obras de autores que foram representantes de cada uma delas.

A PRIMEIRA ÉPOCA CLÁSSICA: A TRANSIÇÃO

Como antecedente da Era Clássica, temos a Era Medieval. O marco significativo de transição, que vigora durante toda a metade do século XVI, segundo A. Soares Amora, fora uma sucessão de fatos que serão mencionados a seguir:

- Os Descobrimentos: por si só, o desbravar de novas terras instiga o imaginário em novas direções de produção; em outras palavras, há algo novo a se cantar e pela magnitude do evento, a forma precisa corresponder. Não por acaso, conforme a data de término representa, Luís de Camões é o poeta que marca o fim da primeira era com a sua morte.
- O princípio de tudo, todavia, não foi Camões, mas a introdução da forma poética do “Soneto” por Sá de Miranda, sob inspiração italiana.
- A perda de autonomia do Estado Português para o Estado Espanhol. A União Ibérica também é um marco cuja data coincide com a passagem para a Segunda Época Clássica Portuguesa.

Por causa dos fatos mencionados, A. Soares Amora constata que a primeira Era Clássica da Literatura portuguesa pode ser entendida nas seguintes linhas gerais:

“[...] todo o conteúdo da literatura, na poesia lírica, na epopéia, na novelística, na historiografia, nas crônicas de viagens, na obra dos moralistas [...] [teve] momento de ricas e grandes realizações, mas ao cabo melancolicamente em crise; crise que não foi de espírito, mas de energias morais e de forças materiais. [...] isto significa que a compreensão de toda a literatura desta época [...] pede [...] que se saiba a vivência que os clássicos traduzem.”

Fica nítido que a produção literária da época almeja transmitir, portanto, a mesma sensação e vivência que os clássicos da antiguidade produziam. Especificando ainda mais, segue, Soares Amora, sobre o conteúdo da inovação que viria a ser chamada de Era Clássica primeira:

- O Lirismo: de cunho pessoal, o lirismo da época busca o sentimento épico da história nacional, a reflexão da realidade do país (moral, social, religiosa e cultural), o desbravar curioso do que está além mar, a ficção cavaleiresca e a escrita moralista para o espírito.
- Ainda sobre o Lirismo, isto é, o Canto: aparece na forma de soneto, elegia e epístola ou nas antigas formas medievais. Quando de cunho pessoal, pende sempre a expressar a personalidade e a forma do poeta de enxergar o mundo. O Lirismo é, portanto, a expressão íntima do poeta.
- Além do Lirismo, agora, o senso de coletividade e pertencimento. Senso, este que deu origem aos *Os Lusíadas* e a outras obras.

Durante o período, conforme já foi mencionado, a literatura não se restringiu a cantos épicos e heróicos; e nem a sentidos de pertencimento ou cantos melancólicos. Existiu a literatura de puro entretenimento: a cavaleiresca e novelesca, cujos temas principais são as aventuras, as intrigas e semelhantes.

Com tantas inovações introduzidas, a Primeira Era Clássica provocou modificações na própria escrita da literatura portuguesa: agora, ela era pautada, segundo A. Soares Amora, pela “disciplina gramatical, poética e retórica dos Antigos, particularmente dos latinos [...] o Classicismo era, antes de tudo, uma nova mentalidade e um novo sentimento de vida.”

Massaud Moises faz um adendo relevante: à época da Primeira Era Clássica, temos uma vertente que surge através da mistura da estética Barroca e do que compõe a Era Clássica: na interpretação da Moises, o Classicismo: “O Classicismo consistia, antes de tudo, numa concepção de arte baseada na imitação ou mimese dos clássicos gregos e latinos, considerados modelos de suma perfeição estética.” Desse modo, eram expressões artísticas que buscavam: “A Beleza, o Bem e a Verdade” mesclando o universo intelectual com o mundo, isto é, a Criação.

Essa mescla, ainda segundo o crítico literário, foi criada por um Homem Histórico que saía do período medieval e adentrava na chamada Idade Moderna, ou seja, por um homem que conhecia a cultura da era clássica (Aristóteles, Horácio e semelhantes) mas que se encantava com as novas descobertas e invenções de seu tempo. Trata-se, portanto, de algo novo dentro da Era Clássica que foi denominado de Maneirismo.

Massaud Moises define o Maneirismo do seguinte modo: “Maneirismo: tendência intervalar, entre o modelo clássico e a estética barroca, perduraria até o início do século XVII [...] o Maneirismo pode ser entendido como a estética que busca unir os extremos, representados pelos padrões clássicos ainda vigentes e pelos anúncios de transição no rumo da estética barroca.”

Como o Maneirismo se situa em uma era de transição, inovação, descobertas e afins, muitos críticos literários divergem a respeito dos autores que o compõe, embora seja notável a marca do Maneirismo em alguns sonetos e versos de Camões.

SEGUNDA ERA CLÁSSICA (1580-1756)

Do século XVI até o século XVIII, Portugal está passando por um processo de Restauração política e cultural. Assim, a produção que ganha destaque, agora, é a produção dos moralistas e historiadores, segundo Soares Amora. Independentemente, porém, do formato e objetivo dos textos compostos, duas tendências surgem: o Conceptismo e o Cultismo.

- O Cultismo: consistiu, segundo A. Soares Amora, na “busca dos valores plásticos da natureza, dos objetos da arte e da figura humana [...] busca que resultou não só os achados da realidade sensorial [...] como na ordem da expressão literária, a descoberta de imensas possibilidades expressivas e imprecisas da imagética.”
- O Conceptismo: ainda segundo Soares Amora: “foi o resultado do sentimento agudo da dramática complexidade do mundo interior, e ainda da obsessão da engenhosa análise racional desse mundo, sobretudo de seu centro afetivo, onde se descobriam contradições, paradoxos, impulsos irracionais e intensas paixões;”

Ambas as tendências possuem seus méritos e características particulares. Por exemplo, o Cultismo dá espaço para a linguagem mais simbolicamente rebuscada com a forte presença das figuras de linguagem, tais como a metáfora; o segundo bebe mais da fonte da retórica dos antigos e do pensamento racional para fins de produzir um texto com intenções reflexivas, persuasivas e dialéticas.

Desse modo, há tanto produção poética quanto produção em prosa, mas com uma distinção: a produção poética não se equipara a da era passada, cujos expoentes principais foram Sá de Miranda e Luís de Camões. Sendo assim, o destaque recai sobre a produção em prosa.

TERCEIRA ÉPOCA CLÁSSICA (1756-1825): A NEOCLÁSSICA OU A ARCÁDIA

Partindo da metade do século XVIII até o início do século XIX, Portugal começou a atingir novos patamares de desenvolvimento. Durante o reinado de D. João V (1707-1750), por exemplo, esse avanço foi impulsionado pelo advento da colonização do Brasil e pela

realização de obras públicas em Portugal. Além disso, a Congregação do Oratório, à qual D. João V concedeu o direito de ministrar um maior número de aulas, desempenhou um papel crucial. Isso possibilitou a disseminação de novas ideias que emergiam nos campos da ciência, filosofia e literatura. Essas ideias, por sua vez, viriam a compor o universo do "Século das Luzes", também conhecido como Iluminismo, caracterizado pelo culto à ciência, à razão e ao progresso da humanidade.

É por esse motivo que a terceira era que compõe a Época Clássica é chamada de neoclássica ou de Arcadismo, porque ocorre, segundo A. Soares Amora, uma espécie de revolução, cuja ação se traduz, também, na ação prática dos monarcas e governantes adeptos ao "Despotismo Ilustrado": a mentalidade que "restabeleceu a autoridade absoluta da realeza e lhe deu possibilidades para a ingerência de todos os setores da vida nacional, muito particularmente, para o que nos interessa, da vida mental e literárias."

Dentro dessa dinâmica, a repercussão na literatura foi inevitável. No ano de 1756 surge a Arcádia Lusitana que, com o auxílio da Providência Literária em 1770 e com a fundação, por Duque de Lafões, da Academia Real das Ciências, em 1780, dá, enfim, início ao que A. Soares Amora chamou de "atualização da cultura e da literatura portuguesa.", ou seja, um processo em que as artes e as ciências são impregnadas pelas novas ideias seculares.

Quando há revolução em qualquer espécie há os contrarrevolucionários, necessariamente, que podem ser tão somente aqueles que, de algum modo, resistem às mudanças de seu tempo. Ambas as gerações, porém, se misturam, por vezes, no mesmo autor: na sua infância literária, ele foi impregnado pelas ideias em moda no tempo, mas na maturidade, retoma as ideias que são tidas como mais tradicionais. Homens assim existiram durante toda a História, portanto, isso não configura marco singular do período. Assim, podemos destacar como característica o impresso na seguinte citação de A. Soares Amora:

"Caracterizou os escritores setecentistas portugueses antes de mais nada o empenho de atualizar a literatura, em face das novas tendências da cultura, e conseqüentemente a reação, franca e intransigente, contra o que de obsoleto e de mau gosto viam ainda na literatura nacional: a obsessão da originalidade no virtuosismo retórico, com o descaso dos princípios e dos modelos do Classicismo puro e da pureza linguística. Atribuídas ao Seiscentismo tão condenáveis tendências, natural foi o franco repúdio dessa época e em contrapartida o regresso entusiástico aos referidos modelos greco-latinos e do Quinhentismo nacional. Daí o neoclassicismo dos setecentista [...]" E segue que os poetas foram levados ao excessivo respeito do princípio da 'imitação' e do acatamento da 'autoridade' dos tutelares do Classicismo antigo e moderno, a uma produção onde a originalidade é o que menos se encontra. [...] alguns espíritos souberam se libertar desse dogmatismo."

Na era neoclássica ou arcádia, assim, o destaque retorna para a poesia. Massaud Moises, em *A Literatura Portuguesa*, elucida mais a questão Segundo o crítico e historiador da literatura, a poesia da época expressa um "homem moderno e lúcido", isto é, o homem imerso nas transformações culturais, sociais, políticas e morais de seu tempo, tendo, como guia, a razão; mas também, por vezes, expressa um outro tipo de homem: aquele que ainda escolhe por compor suas obras imitando e se inspirando nas referências da Primeira Era Clássica. Assim, são temas e assunto das obras à época o "elogio da vida simples, sobretudo em face

da Natureza, no culto permanente das virtudes morais; fuga da cidade para o campo (fugere urbem), pois a primeira é considerada foco de mal-estar e corrupção; desprezo do luxo, das riquezas e das ambições que enfraquecem o homem; elogio da vida serena, plácida, pela superação estoica dos apetites menores; elogio da velhice como exemplo desse ideal tranquilo da existência, [...].”

AUTORES RELEVANTES DA PRIMEIRA ÉPOCA CLÁSSICA

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Francisco Sá de Miranda (1481-1558) foi um destacado poeta português do Renascimento. Considerado o "pai do soneto em língua portuguesa", introduziu novas formas métricas e temas na poesia portuguesa. Sua obra reflete a influência do classicismo italiano, marcando uma transição na literatura portuguesa do século XVI. Sá de Miranda também desempenhou um papel importante na difusão das ideias renascentistas em Portugal, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da poesia lírica no país.



LUIS DE CAMÕES

Luís de Camões (1524-1580), o maior poeta do Renascimento Português, é celebrado por sua epopeia épica "Os Lusíadas". Nascido em Lisboa, sua vida foi marcada por aventuras e dificuldades. Camões combina maestria poética com profundo conhecimento clássico, criando uma obra que enaltece os feitos dos portugueses, enquanto explora temas universais como o amor e a condição humana. Seu legado perdura como um ícone da literatura portuguesa, e Camões é reverenciado como um dos maiores poetas da humanidade.



AUTORES RELEVANTES DA SEGUNDA ÉPOCA CLÁSSICA

MARIANA ALCOFORADO

Mariana Alcoforado (1640-1723) teve uma vida envolta em mistério, tornando-se famosa pela coleção de cartas amorosas,

conhecida como "As Cartas Portuguesas". A identidade do destinatário permanece incerta. Mariana Alcoforado é considerada uma figura emblemática da literatura epistolar e romântica, com suas cartas transmitindo intensidade emocional e influenciando a tradição literária do século XVII.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) foi um escritor e militar português do século XVII, conhecido por sua vasta produção literária e sua participação ativa na Guerra da Restauração. Ele destacou-se como poeta, ensaísta e dramaturgo, contribuindo significativamente para a cultura literária em Portugal. Suas obras abrangem desde poesia lírica até tratados filosóficos e morais, refletindo sua versatilidade intelectual. D. Francisco Manuel de Melo é reconhecido como uma figura proeminente na literatura e na história de Portugal, deixando um legado duradouro em ambos os campos.



PE. MANUEL BERNARDES

Padre Manuel Bernardes (1644-1710) foi um destacado escritor e religioso português do século XVII. Membro da Ordem dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, Bernardes é conhecido por suas obras que abrangem temas espirituais e morais. Sua obra mais notável, "Nova Floresta" (1706), é uma coletânea de ensaios moralistas, reflexões e aforismos. Além de seu papel como escritor, o Padre Manuel Bernardes foi uma figura respeitada por sua devoção religiosa e contribuições para a literatura e pensamento moral em Portugal.

AUTORES RELEVANTES DA TERCEIRA ÉPOCA CLÁSSICA

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

José Agostinho de Macedo foi um influente escritor, poeta e crítico literário português do final do século XVIII e início do século XIX. Conhecido por seu estilo satírico e polêmico, Macedo desempenhou um papel significativo no movimento árcade em Portugal. Suas obras variam de poesia a ensaios críticos, contribuindo para a cultura literária e intelectual de sua época.

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Bocage, como é comumente conhecido, foi um poeta português do século XVIII conhecido por seu estilo irreverente e provocativo. Uma figura central no movimento pré-romântico em Portugal, Bocage destacou-se por sua poesia lírica e satírica. Sua obra, muitas vezes marcada por um humor mordaz e críticas sociais, influenciou gerações subsequentes de escritores. Bocage é lembrado como um dos poetas mais emblemáticos e controversos da literatura portuguesa.



AULA 20

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA: SERMÃO -

Objetivo: expor o sermão para fins de compreender a riqueza simbólica das Sagradas Escrituras.

II – OS SEIS DIAS DA CRIAÇÃO E AS SEIS VIRTUDES DA ALMA



segunda Jerusalém, isto é, a alma fiel, em S. Mateus, chama-se vinha. Vejamos brevemente de que modo se deve cavar com a enxada da contrição e podar com a foice da Confissão, e como se deve sustentar com as estacas da satisfação.

[...]

No primeiro dia, portanto, disse Deus: Faça-se a luz, e a luz foi feita. Escuta a concordância da primeira hora: Assemelha-se o Reino dos Céus ao pai de família, que saiu muito cedo, etc.

Nota que são seis as virtudes da alma: o arrependimento do coração, a confissão de boca, a satisfação de obra, o amor de Deus e do próximo, o exercício da vida ativa e contemplativa, a consumação da perseverança final. Quando sobre a face do abismo, isto é, do coração, há as trevas do pecado mortal, o homem sofre a ignorância do conhecimento divino e da própria fragilidade, e não sabe discernir entre o bem e o mal. [...]

O primeiro dia ilumina-nos para conhecer a dignidade da nossa alma. Daí a palavra do Eclesiástico: Filho, guarda na mansidão a tua alma e honra-a. Mas o homem miserável, constituído em honra, não o compreendeu: comparou-se aos jumentos. O segundo ilumina-nos para conhecer a própria fraqueza. Daí o dizer de Miquéias: A tua humilhação achar-se-á no meio de ti. No meio de nós está o ventre, vaso de imundícies, em cuja consideração a



nossa soberba se humilha, a arrogância se deprime, a vanglória desaparece. O terceiro ilumina-nos para discernir entre o dia e a noite, [...], o puro e o impuro, conhecimento que nos é muito necessário. [...].

[...] porém, onde quer que há verdadeiros filhos de Israel, há luz, a respeito da qual Deus disse: Faça-se a luz. Esta luz é o arrependimento do coração, que ilumina a alma, mostrando o conhecimento de Deus, a consciência da sua própria fraqueza e o discernimento entre o homem bom e o mau.

Esta é a primeira manhã e a primeira hora em que saiu o pai de família, isto é, o penitente, a contratar operários para trabalhar na sua vinha, como se diz no Evangelho do presente domingo, em cujo Introito da missa se canta: Rodearam-me, e lê-se a Epístola de S. Paulo aos Coríntios: Não sabeis que os que correm no estádio, etc.

Desta manhã diz o Profeta: De manhã, isto é, no alvorecer da graça, me porei diante de ti, direito e ereto, tal como me fizeste direito e ereto. Deus, de fato, como diz S. Agostinho, direito e ereto, fez o homem direito e ereto para que só tocasse com os pés a terra, isto é, exigisse da terra só o estrito necessário. Desta manhã se diz em S. Marcos: E muito de manhã, no primeiro dia da semana, vêm ao túmulo, nascido já o sol. E nota que diz bem: no primeiro dia da semana, pois ninguém pode vir ao túmulo, isto é, à consideração da sua morte, a não ser que antes repouse da solicitude dos bens temporais. Na manhã da contrição, diz o Profeta, [...] reprimirei, [...] todos os movimentos da minha carne. Quem é esta, diz da alma penitente o Esposo, que vai caminhando como a aurora quando se levanta? Assim como a aurora é o início do dia e o fim da noite, assim a contrição é o fim do pecado e o início da penitência. Daí o dizer do Apóstolo: Outrora fostes trevas; agora, porém, sois luz no Senhor; [...].

Portanto, à primeira luz e ao romper da aurora sai o pai de família para tratar da vinha. Dela refere Isaías: Foi adquirida uma vinha para o amado no corno filho do azeite; cercou-a duma sebe, e tirou dela as pedras, e edificou uma torre no meio, e construiu na mesma torre um lagar e plantou-a de bacelo escolhido. Uma vinha, isto é, a alma, foi adquirida para o amado[...] na potência da Paixão; [...], isto é, da misericórdia, não pelas obras da justiça que nós fizemos, salvou a sua própria vinha, que cercou a sebe da lei escrita e da lei da graça; dela escreve Salomão nas Parábolas: O que desfaz a sebe, isto é, destrói a lei, mordê-lo-á a cobra, isto é, o diabo, que ama as sombras, ou seja, os pecadores. Por isso, diz Jó: Dorme à sombra, quer dizer, descansa na mente coberta de sombras, no esconderijo do canavial, isto é, no engano do hipócrita, e em lugares úmidos, isto é, nos luxuriosos.

Segue: E tirou dela as pedras, ou seja, a dureza do pecado; edificou a torre da humildade, ou seja, a parte superior da razão, no meio dela; e nela construiu o lagar da contrição, de que se espreme o vinho das lágrimas. E, desta forma, com os exemplos e doutrina dos santos plantou-a de bacelo escolhido. Para ela o pai de família deve muito cedo assalariar operários, a saber, o amor e o temor de Deus, que bem a cultivem.

Igualmente desta manhã se lê no primeiro livro dos Reis que Saul, tendo entrado no meio do acampamento dos filhos de Ámon, na vigília da manhã, feriu Ámon, até que o dia aqueceu. Saul significa o penitente, ungido com o óleo da graça. Este deve na vigília matutina, isto é, de coração contrito, penetrar no meio do acampamento dos filhos de Ámon, que se interpreta água paterna e significa os movimentos da carne, que desde o primeiro pai, como

água fluente, chegaram até nós. A estes deve Saul ferir, até que o dia aqueça, isto é, até que o calor da graça ilumine o entendimento e o aqueça depois de iluminado.

Desta manhã se lê ainda no Profeta Jonas que o Senhor preparou um verme ao romper da alvorada, e feriu a hera e ela secou. A hera, que por si só não pode elevar-se às alturas, mas, agarrando-se aos ramos de qualquer árvore, se dirige aos lugares mais altos, significa o rico deste mundo, que se eleva ao céu, não por si, mas pelas esmolas aos pobres, como se eles fossem os seus braços; daí a palavra do Senhor do Evangelho: Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade, isto é, da desigualdade, para que quando vierdes a precisar, vos recebam, etc. Esta hera, ao romper da alvorada, isto é, ao surgir da graça ou no coração contrito, com o dente dum verme, ou seja, com o remorso da consciência, é ferida e cortada, a fim de que, ao cair em terra, isto é, ao considerar-se terra, seque e se considere vil, dizendo com o Profeta: Desfaleceu o meu coração, quer dizer, a soberba do meu coração, e a minha carne, isto é, a minha sensualidade.

Depois de saboreadas estas coisas sobre o primeiro dia e a primeira manhã da contrição, passemos ao segundo dia e à terceira hora da confissão.

No segundo dia, disse Deus: Faça-se o firmamento no meio das águas, que separe umas águas de outras águas. O firmamento é a confissão, que firmemente retém o homem e o impede de se perder nos prazeres. [...] A alma miserável diz-se filha do mar. Ela, como da mama do diabo, suga a voluptuosidade do mundo, que sabe a doce, mas gera sempiterna amargura. [...]. Cinge-te com a cintura da confissão e aperta os teus vestidos, para que não caiam nas imundícies; e não queiras passar sobre a abundância dos bens terrenos, onde muitos perigaram, mas passa através da indigência e angústia da pobreza, pois que através do ribeiro se passa com segurança de ânimo. [...].

As águas superiores são as torrentes da graça; as inferiores, as torrentes da concupiscência, que devem estar debaixo do homem. Por outras palavras: O entendimento do justo tem águas superiores, isto é, a razão, que é a força superior da alma, a qual provoca o homem ao bem; e tem águas inferiores, isto é, a sensualidade, que tende sempre à queda. O firmamento da confissão, portanto, divide as águas superiores das inferiores, [...].

Faça-se, portanto, por favor, um firmamento no meio das águas, de modo que, dada a garantia ao confessor de firme propósito de não recair, mereça na própria confissão, como se fosse na terceira hora, inebriar-se com o mosto do Espírito Santo.

[...] Em três coisas, pois, se deve confessar culpável: Porque ofendeu o Senhor, se matou a si mesmo, escandalizou o próximo, não dando a cada um a devida justiça: honra a Deus, vigilância a si mesmo, amor ao próximo. Por isso, no Introito da missa de hoje, chora com as palavras: Rodearam-me gemidos de morte, porque ofendi a Deus; as dores do inferno rodearam-me, porque incorre em pecado mortal; e na minha tribulação, com que sou atribulado, porque escandalizei o próximo, invoquei o Senhor de coração contrito; e ele ouviu desde o seu santo templo, isto é, desde a sua humanidade, em que habita a divindade, a minha voz, a voz da minha confissão.

No terceiro dia disse Deus: Produza a terra erva verde, que dê semente segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela mesma sobre a terra. Observa que no terceiro dia se nota a

satisfação da penitência, que consiste em três obras: oração, jejum e escola, que se verificam nas três partes enunciadas.

Diga-se, portanto: Produza a terra, etc. A erva verde significa a oração. [...] Estende a vista pelos montes onde pasta e anda buscando tudo o que está verde. O ónagro – de ônus (carga) e ager (campo) – significa o penitente que no campo da Igreja suporta o peso da penitência. A este põe o Senhor em liberdade e solta as cadeias quando, livre da servidão do diabo e das cadeias dos pecados, lhe permite se vá embora. Por isso, o Senhor diz em S. João aos Apóstolos: Soltai-o e deixai-o ir.

Dá-lhe Deus casa na solidão do entendimento e os tabernáculos da vida ativa, nos quais milita na terra estéril do viver mundano. E assim, este penitente despreza a multidão da cidade, de que diz o Senhor por boca do Profeta: Eu sou o Senhor e não mudo e não entro na cidade; e David: Vi na cidade a iniquidade, quanto a Deus, e a contradição, quanto ao próximo. E não ouve a voz do exator. O exator é o diabo, que ofereceu uma vez a moeda do pecado ao primeiro pai e agora não cessa de exigir todos os dias com usura. O penitente não ouve a voz deste exator quando não obedece à sugestão. Ou então, o exator é o ventre, que diariamente exige com clamor o tributo à gula, mas o penitente de forma alguma o ouve, porque se lhe obedece, não é por prazer, mas por necessidade.

Este ónagro estende a vista pelos montes onde pasta, porque posto em excelência de vida, olhando em redor, encontra os pastos da Sagrada Escritura, dizendo com o Profeta: Colocou-me num lugar de pastos. E, desta forma, na oração devota procura verdura, a fim de chegar por meio dos pastos da leitura sagrada a apanhar as verduras da oração devota, da qual se diz: Produza a terra erva verde.

Segue: E dê semente. Por esta significa-se o jejum. Donde a afirmação de Isaías: Bem-aventurados vós os que semeais sobre as águas, atando a pata do boi e do asno. Semeia sobre as águas aquele que junta à oração e à compunção das lágrimas o jejum, [...] diz o Senhor: Este gênero de demônios, a imundície do coração e a luxúria da carne, não pode expulsar-se senão com a oração e o jejum. [...]

Segue o terceiro: Árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie. Nas árvores frutíferas designa-se a esmola, que frutifica nos indigentes e por suas mãos é levada ao céu. E nota que se diz dar fruto segundo a sua espécie. [...] A tua espécie é um segundo homem, que deves visitar tanto com a esmola espiritual quanto com a corporal; e assim não pecarás contra aquele preceito: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Nota, porém, que se diz: Cujas semente esteja nela mesma. [...] afirma-se pelo fim do Deuteronômio: Neftali gozará de abundância e será cheio da bênção do Senhor: possuirá o mar e o meio-dia. Neftali interpreta-se convertido ou dilatado e significa o penitente, que se converte do seu mau caminho e se dilata em boas obras. Este gozará da abundância da graça no presente estado de viador e será cheio da bênção da glória, porque, para merecer conseguí-la, é preciso antes possuir o mar, isto é, a amargura do coração, e o meio-dia, isto é, o fervor da satisfação.

No quarto dia disse Deus: Façam-se dois luzeiros no firmamento. A quarta virtude é o amor de Deus e do próximo. O amor de Deus designa-se na claridade do sol, o do próximo na mutabilidade da lua. Acaso não te parece uma certa mutabilidade alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram? Destas duas coisas se diz pelo fim do Deuteronômio:

Com os frutos produzidos por virtude do sol e da lua encher-se-á a terra de José. Os frutos significam as obras do justo, por causa do encanto da perfeição, beleza da intenção pura, odor da boa opinião. [...]

No quinto dia fez Deus os peixes do mar e as aves sobre a terra. A quinta virtude é o exercício da vida ativa e contemplativa; nesta, o homem ativo, semelhante ao peixe, percorre as veredas do mar, isto é, do mundo, a fim de poder socorrer o próximo que padeça necessidade; e o contemplativo, semelhante à ave, elevado no ar com a pena da contemplação, contempla o Rei na sua glória, conforme lho permite a sua pequenina capacidade. [...] o entendimento do contemplativo, se se dilata em muitos e vários pensamentos, é demasiado impedido no voo da contemplação, mas se junto e unido começar a voar, fruirá do gozo da contemplação. O exercício desta dupla vida designa-se na hora undécima, por volta da qual saiu o pai de família. A hora contemplativa refere-se ao um, porque contempla um só Deus, um só gozo; a vida ativa, portanto, refere-se aos dez preceitos do Decálogo, com os quais a mesma vida ativa se completa plenamente na vida deste exílio.

No sexto dia disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. A sexta e última virtude da alma é a perseverança final, que é a cauda da vítima no sacrifício [...] sem a qual as cinco sobreditas virtudes inutilmente se possuem, e com a qual utilmente se possuem. Nela, como se fora no sexto dia, a imagem e semelhança de Deus, que nunca se deve deturpar, nunca obliterar, nunca manchar, se imprime eternamente na face da alma.

Esta tarde do Evangelho, a última hora da vida humana, em que o pai de família, por meio dum dispenseiro, isto é, de seu Filho, dá um dinheiro ao que trabalhou bem na vinha, é significada pelo sábado, que se interpreta descanso. [...]

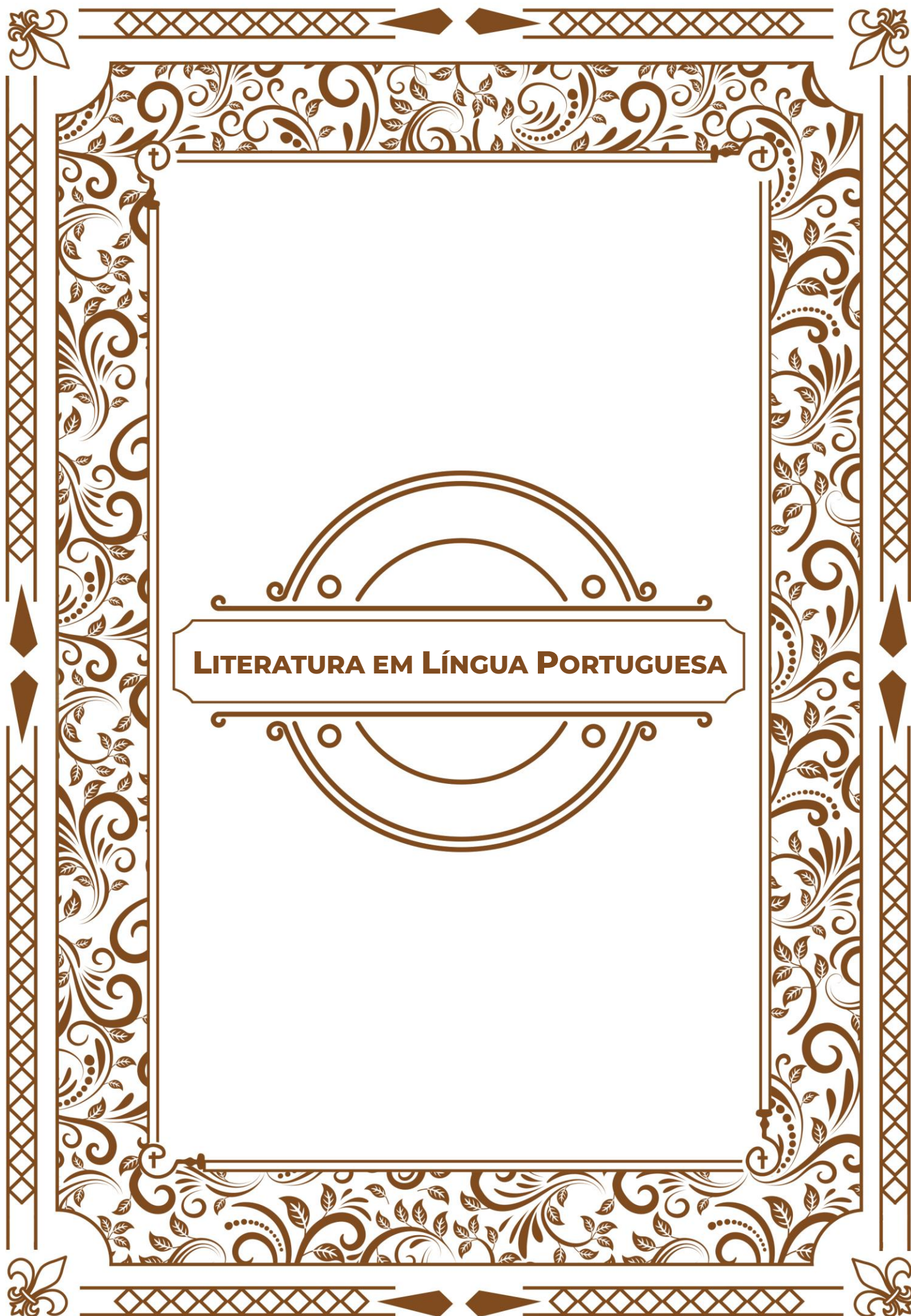
A alma será glorificada por três dotes e o corpo por quatro. A alma adornar-se-á da sabedoria, da amizade e da concórdia. A sabedoria de Deus aparecerá na face da alma e verá a Deus tal-qual é, e conhecerá como é conhecida; a amizade será também para com Deus; donde a frase de Isaías: O seu fogo será em Sião, isto é, na Igreja militante, e fornalha de ardentíssimo amor em Jerusalém, isto é, na Igreja triunfante; a concórdia será para com o próximo, de cuja glória a alma gozará tanto quanto gozar dela própria. Quatro serão também os dotes do corpo: a claridade, a sutileza, a agilidade e a imortalidade, dos quais se diz no livro da Sabedoria: Os justos resplandecerão, eis a claridade, e brilharão como centelhas, eis a sutileza, que correm num canavial, eis a agilidade; e o seu Senhor reinará para sempre, eis a imortalidade. De fato, Deus não é de mortos, mas de vivos.

[...] todos aqueles que combatem na arena de tudo se abstêm; e eles para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, uma incorruptível. [...] Nele devemos correr na unidade da fé, com passos de amor [...] Quem corre em semelhante estádio recebe o prêmio, isto é, a remuneração da coroa incorruptível. Dela diz ao Senhor no Apocalipse: Dar-te-ei a coroa da vida.

Irmãos caríssimos, imploremos humildemente e com lágrimas, a quem nos criou e voltou a criar, criou do nada e voltou a criar com o próprio sangue, se digne dar-nos os sete dons da eterna felicidade; e com Ele, princípio de todas as criaturas, mereçamos viver eternamente. Auxilie-nos Ele mesmo, que vive e reina por séculos de séculos. Assim seja.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

Elabore uma tabela contendo cada um dos símbolos expostos no sermão e o seu respectivo significado, para fins de enriquecer a compreensão sobre as Sagradas Escrituras.



LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO – 2º EM

LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

VOLUME 05

Período literário: 1825-1865

– Romantismo em Portugal

INDICAÇÃO DE LEITURA:

– “Um Deus que Deixa Acontecer: o mal e a dor” disponível gratuitamente no site da Opus Dei.



AULA 20

O ROMANTISMO EM PORTUGAL TEXTOS SELETOS

***Objetivo:** apresentar as principais características do Romantismo Português através da literatura produzida na época.*

ALMEIDA GARRETT – DESTINO



“Quem disse à estrela o caminho
Que ela há de seguir no céu?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprendeu?
Quem diz à planta - "Floresce!" -
E ao mudo verme que tece

Sua mortalha de seda
Os fios quem lhos enreda?

Ensinou alguém à abelha
Que no prado anda a zumbir
Se à flor branca ou à vermelha
O seu mel há de ir pedir?
Que eras tu meu ser, querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Ai! não mo disse ninguém.

Como a abelha corre ao prado,
Como no céu gira a estrela,
Como a todo o ente o seu fado
Por instinto se revela,
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.”

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. É correto afirmar que o poema supervaloriza o “instinto” e atribui ares trágicos ao destino, isto é, o apresenta como se fosse algo imposto, já determinado e intransponível? Justifique sua resposta.
2. Dentro da visão de mundo católica, é possível afirmar que existe destino? Explique.
3. Quando o poeta diz: “eu no teu seio divino/ vim cumprir o meu destino.../ vim, que em ti só sei viver, só por ti posso morrer.”, a quem ele está se referindo?
4. O amor, nos versos de Garrett, é, de algum modo, idealizado?
5. Em algumas obras da literatura romântica, ocorrem uma sucessão de inversões. A respeito do trecho da obra lida, você nota alguma inversão? Explique.



Nossa Senhora Auxiliadora, rogai por nós!

Santíssima Virgem Maria a quem Deus constituiu
Auxiliadora dos Cristãos,
nós vos escolhemos como Senhora e
Protetora desta casa.

Dignai-vos mostrar aqui Vosso auxílio poderoso.

Preservai esta casa de todo perigo: do incêndio, da
inundação, do raio, das tempestades,
dos ladrões, dos malfeitores, da guerra e de todas as
outras calamidades que conheceis.

Abençoi, protegei, defendei, guardai como coisa vossa
as pessoas que vivem nesta casa.

Sobretudo concedei-lhes a graça mais importante,
a de viverem sempre na amizade de Deus,
evitando o pecado.

Dai-lhes a fé que tivestes na Palavra de Deus,
e o amor que nutristes para com Vosso Filho Jesus e
para com todos aqueles pelos quais
Ele morreu na Cruz.

Maria, Auxílio dos Cristãos, rogai por todos que
moram nesta casa que Vos foi consagrada.

Amém.